



Ispa

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

**DIVERSIDADE CULTURAL EM SUBSISTEMAS CONJUGAIS: CONTRIBUTOS
PARA O ESTUDO DA PARENTALIDADE**

INÊS PINHA DE CAMPOS CORREIA

27385

Orientador de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIANA PIRES DE MIRANDA

Professor do Seminário de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIANA PIRES DE MIRANDA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2023/2024

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof.^a Doutora Mariana Pires de Miranda, apresentada no ISPA- Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

À Professora Doutora Mariana Pires de Miranda, pela orientação, por aquilo que me ensinou e pelo entusiasmo que transmitiu do início ao fim por este tema.

Aos meus pais, que me motivam, apoiam, disponibilizam-se para me ajudar e por serem os meus maiores fãs.

Aos meus avós maternos por me apoiarem, interessarem-se nos meus estudos, ajudarem-me quando preciso e por todo o amor e carinho.

Ao meu irmão Manuel, pela sua companhia e alegria.

Ao meu namorado, pelo apoio, interesse que demonstrou no tema, ajuda importante na divulgação do questionário deste estudo e pelos momentos especiais e alegres.

Às minhas amigas, por quem tenho muita estima. Muito obrigada em especial à Carol e à Ana, pelas recordações ao longo destes anos no ISPA, por estarem presentes e transmitirem-me felicidade.

Às minhas colegas do Seminário de Dissertação, pela entreaajuda e companhia neste processo. Um agradecimento especial à Cristina pelas conversas, desabafos e ajuda.

A todas as pessoas que responderam e divulgaram o questionário deste estudo.

RESUMO

Na parentalidade de pais e mães culturalmente diversos, a literatura tem vindo a salientar, simultaneamente, tanto questões transversais, como específicas, e acentuados pontos de vulnerabilidade e de força. A partir de uma leitura multidimensional, ecossistémica e comparativa da literatura sobre a multiculturalidade no seio das famílias, desenvolvemos o Questionário Parentalidade Multicultural (QPM). Um primeiro estudo, com cinco especialistas, forneceu evidências da validade de conteúdo da medida proposta. Num segundo estudo, participaram 126 pais e mães que fazem parte de subsistemas parentais que contêm diferenças segundo critérios étnicos, raciais e/ou de nacionalidade. Os resultados evidenciaram uma estrutura fatorial de acordo com o proposto teoricamente, com dois fatores com bons níveis de fidedignidade: um fator respeitante a acordo e desacordo face a questões de parentalidade e um segundo fator que evidencia pontos de força do exercício da parentalidade. Também se verificou que os dois fatores são preditores da qualidade da coparentalidade, como avaliada pela escala de relação coparental. Os resultados são discutidos em função das implicações clínicas e de investigação.

Palavras-chave: Multiculturalidade; Acordo; Pontos de Força; MECA; Coparentalidade.

ABSTRACT

The literature has highlighted both transversal and specific issues, as well as vulnerability and strengths in the parenting of culturally diverse mothers and fathers. Based on a multidimensional, ecosystemic and comparative approach to the literature on multiculturalism within families, we developed a Parenting Questionnaire for Multicultural Parental Figures. Study 1, with five experts, provided evidence of the content validity of the proposed measure. 126 fathers and mothers, who are part of parental subsystems that contain differences according to ethnic, racial and/or nationality criteria, took part in Study 2. The results showed a factor structure in line with what was theoretically proposed, with two factors with good levels of reliability: one factor relating to agreement and disagreement on parenting issues and a second factor showing points of strength in the exercise of parenting. It was also found that the two factors are predictors of the quality of coparenting, as assessed by the coparenting relationship scale. The results are discussed in terms of their clinical and research implications.

Keywords: Multiculturalism; Agreement; Strengths; MECA; Coparenting

Índice

Introdução.....	1
Estudo 1.....	9
Método.....	10
Resultados	14
Discussão.....	14
Estudo 2.....	15
Método.....	15
Delineamento e Participantes	15
Procedimento e Instrumentos	19
Resultados	24
Discussão	28
Discussão geral.....	32
Limitações e Estudos Futuros.....	32
Implicações clínicas	33
Conclusão	34
Referências	35
Anexos	40
Anexo 1. Tabela de Nacionalidades e Pertença e/ou Origem Étnico-racial de pais	40
Anexo 2. <i>Posts</i> utilizados na divulgação do estudo	42
Anexo 3. Consentimento Informado	43
Anexo 4. Questionário Parentalidade Multicultural - Versão inglesa.....	44
Anexo 5. Questionário Parentalidade Multicultural - Versão espanhola	48
Anexo 6. Escala de Relação Coparental de Costa et al. (2020) traduzida para espanhol	54
Anexo 7. Cargas Fatoriais	56
Anexo 8. Tabelas da MANOVA	61
Anexo 9. Tabelas da regressão linear múltipla.....	62

Índice de tabelas

Tabela 1. <i>Domínios da MECA, Questões de Parentalidade e Pontos de Força</i>	12
Tabela 2. <i>Características Sociodemográficas dos participantes (n=126)</i>	17
Tabela 4. <i>Matriz de correlações do Acordo/Desacordo, Pontos de Força e Qualidade Coparentalidade</i>	27
Tabela 5. <i>Nacionalidades e Pertença e/ou Origem Étnico-racial de pais</i>	40
Tabela 6. <i>Cargas fatoriais dos itens do Questionário Parentalidade Multicultural</i>	56
Tabela 7. <i>Testes multivariados</i>	61
Tabela 8. <i>Testes de efeitos entre sujeitos</i>	62
Tabela 9. <i>Resumo do modelo</i>	63
Tabela 10. <i>ANOVA</i>	63
Tabela 11. <i>Coeficientes</i>	64

Índice de figuras

Figura 1. <i>Mapa com as nacionalidades dos pais e mães</i>	19
Figura 2. <i>Análise Fatorial Confirmatória do QPM</i>	25
Figura 3. <i>Gráficos de interação para Acordo/Desacordo e Pontos de Força</i>	26

Introdução

A cultura é um conceito que tem vindo a ser definido por diversos autores. Tylor (1920) refere que as pessoas como membros da sociedade adquirem costumes, artes, leis, conhecimentos, crenças, etc. Para o autor, cultura é este conjunto de aptidões e hábitos. Por sua vez, Boas define a cultura como os objetos materiais, condições sociais, habilidades que envolvem o corpo (por exemplo, dança) e símbolos criados pelas pessoas (Eriksen & Nielsen, 2013). Para Triandis (1996) a cultura está relacionada com a forma como as pessoas, que partilham o mesmo espaço, contexto histórico e línguas, percebem, pensam, avaliam e comunicam. Laird (2000) caracteriza a cultura como sendo dinâmica, sendo que é influenciada pela imaginação e significados, ou seja, os significados definem a experiência cultural; também afirma que a cultura varia consoante os contextos, o tempo e o espaço.

Como fio condutor dentro da pluralidade de definições de cultura selecionamos o contributo de Falicov (2014), para quem a cultura é fluida e multidimensional, sendo moldada pelo conjunto de contextos a que a pessoa pertence e em que participa e pelas influências dos mesmos. Falicov (2003) refere que a experiência cultural também é definida pelos contextos dos quais a pessoa é excluída. A cultura de uma pessoa não se limita então à pertença a um determinado grupo, podendo assim qualquer pessoa ser considerada multicultural. Ao não se centrar em apenas uma dimensão, é claro o significado de diversidade nesta visão da cultura: as pessoas têm características associadas aos diversos contextos a que pertencem (Falicov, 2014). A inclusão e exclusão de certos contextos vai influenciar as semelhanças e diferenças culturais entre as pessoas (Falicov, 2017).

No caso específico dos sistemas familiares, é importante, deste modo, considerarmos a combinação dos contextos a que pertencem e nos quais participam, e que as tornam únicas. Alguns exemplos de contextos são o contexto religioso, classe social, ambiente onde vivem (urbano, rural, ...), autocategorização étnica e racial, nacionalidade, etc. (Falicov, 1988).

Tendo em conta esta perspetiva de cultura, todos os casais também são multiculturais (Falicov, 1995a), uma vez que pertencem a contextos diferentes como, por exemplo, trabalho, orientação política, género, etnia, classe social, etc. A autora salienta que as limitações, as oportunidades e os recursos do casal estão relacionados exatamente com as semelhanças e diferenças destes contextos.

Neste estudo, pretendemos analisar a parentalidade em sistemas familiares multiculturais, definida com base em três dimensões – diversidade no subsistema conjugal

de base étnica, racial e/ou de nacionalidade. Este foco prende-se com motivos de parcimónia e metodológicos, que nos orientam o foco para um conjunto de critérios e não um mapeamento global dos contextos de inclusão e exclusão social dos sistemas familiares. A escolha específica relacionou-se com um argumento de relevância social, devido ao aumento significativo dos movimentos migratórios, como começaremos por abordar.

Lind (2008) refere que o número de casais de diferentes culturas, definidas com base em critérios étnicos e de nacionalidade, aumentou no século XX e que existem diversos fatores que explicam este aumento: (i) a globalização; (ii) os movimentos migratórios, que passaram a ser cada vez mais frequentes, como a emigração para países com mais recursos com o objetivo de melhorar a qualidade de vida; (iii) a livre circulação de pessoas na União Europeia; (iv) o aumento da quantidade e qualidade dos meios de comunicação e transporte; (v) a globalização do turismo; e (vi) a criação de projetos que promovem a cooperação internacional como o programa Erasmus.

Nos Estados Unidos, um relatório publicado em 2021, aponta exatamente para um aumento de casais em que existem diferenças de critério étnico, racial e relativas ao país de origem. Também indica que há mais casamentos entre pessoas que nasceram nos Estados Unidos e mulheres de países da América Latina e Ásia, devido à crescente imigração proveniente destes países (United States Census Bureau, 2021). Um relatório sobre casamentos entre nativos e estrangeiros da União Europeia destaca que, na Europa, entre 2008 e 2010, uma em cada 12 pessoas num casamento estava casada com uma pessoa estrangeira. Os casamentos entre pessoas que nasceram no país e estrangeiras foram mais frequentes na Suíça e na Letónia, e menos frequentes na Roménia (Eurostat, 2012).

No contexto português, em particular depois da revolução de 25 de abril de 1974 e nos anos 90, houve um aumento de cidadãos estrangeiros (Ferreira e Ramos, 2008). Estima-se que tenham imigrado 117.843 pessoas para residir em Portugal no ano de 2022. Destes imigrantes permanentes, a maioria nasceu num país fora da União Europeia. Em relação a casamentos entre portugueses e pessoas de outra nacionalidade, em 2022, pelo menos um dos cônjuges era de outra nacionalidade em 14.1% dos casamentos, sendo que os valores mais elevados destes casamentos correspondem à Área Metropolitana de Lisboa. Verificou-se ainda que, entre 2017 e 2022, a percentagem de nados-vivos de uma pessoa portuguesa e outra estrangeira aumentou de 7.2% para 8% (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2023).

Com este estudo pretendemos contribuir para o estudo da parentalidade no seio destes sistemas familiares multiculturais, e, deste modo, orientar a intervenção dos psicólogos e psicoterapeutas com famílias e pais/mães multiculturais. Estes esforços alinham-se com autores que salientam a escassez da literatura sobre o tema, em simultâneo com a identificação da necessidade que a terapia com casais multiculturais tenha em conta os desafios e os obstáculos que enfrentam (Crippen & Brew, 2007), assim como os benefícios e as oportunidades que funcionam como recurso (Bhugun, 2017).

MECA

Este estudo tem como base a abordagem multidimensional ecossistémica comparativa (*Multidimensional Ecosystemic Comparative Approach*, em inglês, logo MECA), de Falicov (1995b). A MECA identifica-se com as abordagens sistémicas e com um posicionamento pós-moderno, e pode ser utilizada transversalmente a várias orientações teóricas e técnicas dos profissionais. Nesta abordagem, a cultura tem um papel central na teoria e prática clínica, e são tidas em conta questões universais, e específicas dos grupos sociais a que as pessoas pertencem. Ou seja, são tidas em consideração a variabilidade e as particularidades dos grupos, mas também o que é comum (Falicov, 2014). Multidimensional refere-se à descrição de cultura desta autora mencionada anteriormente. Ecossistémica tem a ver com o conceito de “nicho ecológico” que consiste na descrição específica do posicionamento da família num determinado habitat (Falicov, 2017), permitindo por parte dos psicoterapeutas e psicólogos identificar recursos, desafios e dificuldades específicas (Falicov, 2015). Finalmente, é uma abordagem comparativa porque procura identificar o que é semelhante e diferente nos casais, entre as pessoas e os terapeutas, entre os membros de uma família, não assumindo um referente cultural à partida (Falicov, 2017).

Falicov realça a importância do terapeuta olhar para as famílias como sendo os especialistas e perguntar às mesmas quais são os significados de determinadas questões que podem ser relevantes como, por exemplo, a religião (Falicov, 2017). Também refere que é benéfico integrar a informação da família com alguma informação que o terapeuta tem sobre grupos sociais, juntamente com a informação sobre os grupos a que o terapeuta pertence. Outra questão importante é o foco nos pontos de força e recursos da família. Para além de se ter em consideração os riscos e as dificuldades que enfrentam algumas famílias, é necessário sublinhar as suas potencialidades, a sua resiliência e os seus recursos, como descrito acima a propósito do nicho ecológico (Falicov, 2015).

A MECA organiza a informação sobre questões ligadas à diversidade cultural e a aspetos sociais e políticos de uma pessoa ou família em quatro domínios: Migração e Aculturação, Contexto Ecológico, Organização Familiar e Ciclo de Vida da Família (Miranda e Vieira-Lopes, 2021). O primeiro domínio centra-se na experiência de migração, sendo que é fundamental perceber em que altura aconteceu, os motivos e a forma como sucedeu. Também é preciso compreender o impacto desta experiência na saúde mental, os problemas que podem ocorrer entre gerações (como pais/mães e filhos) relacionados com a aculturação, o que se perde e ganha, etc. O domínio do Contexto Ecológico tem a ver com a participação e integração de uma pessoa ou família no ambiente social que a rodeia. O terapeuta vai avaliar os contextos, as condições, o envolvimento em alguns sistemas como, por exemplo, a escola. É importante que tenha em conta as desigualdades e os efeitos negativos da discriminação, marginalização, e outras situações de vulnerabilidade (Falicov, 2017).

O presente estudo centrar-se-á nos domínios da Organização Familiar e Ciclo de Vida da Família, uma vez que podem mais facilmente mapear as funções da parentalidade, pelo que os descreveremos mais detalhadamente. A Organização Familiar faz referência às estruturas familiares que podem ser diversas e que estão associadas a diferentes valores (Falicov, 2014). Alguns aspetos importantes deste domínio são: (1) algumas famílias preferem a proximidade de familiares que fazem parte da família alargada e valorizam o seu apoio e envolvimento (por exemplo, estes familiares podem ajudar a resolver um problema), em detrimento de outras famílias que têm preferência pela família nuclear; (2) a preferência em algumas famílias por relações familiares muito próximas pode retirar importância à separação-indivuação; (3) as hierarquias entre gerações e géneros estão presentes em algumas estruturas familiares como, por exemplo, os pais/mães podem castigar, ameaçar, envergonhar os filhos quando consideram que se estão a comportar de forma inadequada; (4) a forma como as pessoas comunicam varia consoante a estrutura familiar, podem comunicar de maneira mais implícita ou assertiva e aberta (Falicov, 2015); (5) as separações e reencontros decorrentes da experiência de migração numa família (Falicov, 2014); e (6) novas formas de organização das famílias e casais depois de imigrarem como, por exemplo, os pais/mães podem proteger mais os filhos porque têm medo dos perigos relacionados com o ambiente social novo em que vivem, algumas mulheres quando emigram desejam que a sua relação seja baseada na igualdade, ao estarem num contexto que lhes oferece mais oportunidades, entre outros aspetos (Falicov, 2016).

O Ciclo de Vida da Família tem a ver com o tempo, e como é que a cultura influencia as transições e as fases nas vidas das pessoas e das famílias (Falicov, 2014). Este domínio caracteriza-se pela inclusão dos seguintes aspetos: (i) o ciclo de vida em algumas famílias imigrantes, que pode ser diferente da visão da cultura dominante sobre o mesmo, por exemplo, adultos solteiros que continuam a viver na casa dos pais/mães, membros mais velhos que continuam envolvidos e têm um papel importante na família; (ii) o efeito da migração no desenvolvimento, destacando que pode afetar algumas etapas do desenvolvimento como, por exemplo, poder ser difícil os filhos saírem de casa por terem um papel central de apoio aos pais/mães na interação com a sociedade para onde migraram; (iii) cultura de género, podendo existir diferenças nesta dimensão, como a probabilidade das mulheres e homens integrarem valores de forma diferente, sendo frequente, por exemplo, que as mulheres mais facilmente assimilem valores igualitários, permitindo assim maior liberdade no trabalhar, nas decisões de divórcio, etc. (Hondagneu-Sotelo, 1994, citado por Falicov, 2015); (iv) a cultura na relação entre gerações, havendo diferenças no que se espera em função da idade; (v) rituais e ritos em transições; (vi) a espiritualidade e a religião, que surgem especialmente em transições (Falicov, 2016); (vii) os significados e ideais ligados à cultura; (viii) práticas de educação autoritárias; e (ix) dilemas relacionados com o desenvolvimento, como ser mais leal à família ou mais autónomo (Falicov, 2014).

Considerando estes princípios, procuraremos descrever as temáticas identificadas na literatura como mais relevantes para o estudo da parentalidade em pais e mães multiculturais.

Parentalidade e Multiculturalidade

A parentalidade é uma função que importa discutir, quando se estudam casais multiculturais, tanto de uma perspetiva de identificação de áreas de tensão, como de foco nas competências.

Romano (1997) refere que há diversas áreas que podem criar conflitos nestes casais, sendo que uma delas é criar e educar os filhos. A autora afirma que definir estas áreas pode ser problemático por ser necessário ter em conta a combinação de personalidades, *backgrounds* étnico-raciais, crenças religiosas, ambientes educativos, valores.

A literatura sobre pais e mães multiculturais indica várias questões relacionadas com a parentalidade em que alguns destes pais/mães tendem a discordar e que assim podem ser considerados pontos de especial acordo ou desacordo. Estes estudos são na sua maioria qualitativos (Crippen & Brew, 2013; Bhugun, 2017), mas também quantitativos (Pearce-

Morris & King, 2012), e estudam pais e mães multiculturais baseados em critérios tão diversos como os étnicos, de nacionalidade, religiosos, etc. Descreveremos em seguida as áreas que se destacam.

Começamos pelo sono, Nishikawa (2013) verificou que as mães japonesas e os pais americanos com ascendência europeia discordavam relativamente ao lugar onde o bebé devia dormir (as mães pensavam que o bebé devia dormir na cama dos pais e os pais no quarto do bebé).

Outra área que foi pontuada foi a questão da gestão da doença. Na investigação de Tormenta (2009), em que foram entrevistados casais de diferentes nacionalidades, uma das áreas em que existiam diferenças nos casais com filhos estava relacionada com o que fazer quando os filhos estavam doentes (por exemplo, aquecê-los, ir ao hospital, etc.).

Quanto à autonomia das crianças, o estudo qualitativo de Crippen (2009) em que participaram 15 casais multiculturais (a autora define como dois adultos numa relação significativa que consideram que provêm de contextos sociais diferentes como o país, etnia, religião, etc.) revela que os pais/mães têm visões diferentes do papel das crianças, nomeadamente, a importância que dão à autonomia dos filhos, a supervisão que consideram que devem ter, a proteção que dão e as responsabilidades que pensam que os filhos devem ter. Por exemplo, um dos pais, ao contrário da mãe, considerava que as crianças deviam ajudar os pais/mães, realizar tarefas domésticas, saber o que são responsabilidades, etc. Outro estudo qualitativo, em que participaram 14 casais com diferenças de nacionalidade e de critério étnico e com filhos, também verificou que alguns pais/mães pensavam que era relevante as crianças perceberem o que são responsabilidades e atribuíam importância a que se esforçassem muito. Além disso, alguns pais/mães tinham em consideração os papéis de género na educação dos filhos como, por exemplo, pensavam que algumas tarefas deviam ser realizadas por meninos e outras por meninas (Bhugun, 2017). As mães de nacionalidade chinesa e os pais americanos com ascendência europeia do estudo de Rosenblatt e Stewart (2004) tinham perspetivas diferentes sobre o equilíbrio entre o sucesso e o bem-estar dos seus filhos.

Sobre as expectativas, Koide et al. (2019) no seu estudo em que participaram pais/mães de diferentes nacionalidades (nacionalidade japonesa e outra nacionalidade) observaram que estes pais e mães tinham diferentes expectativas relativamente ao desempenho escolar dos filhos, sendo que um deles era mais exigente e esperava que os

filhos tivessem um desempenho excelente e o outro queria apenas que trabalhassem o melhor que conseguissem.

Em relação à alimentação, uma pessoa de um casal entrevistado do estudo de Crippen (2009) pensava que não se devia obrigar as crianças a comer tudo o que está no prato, ao contrário do marido e da sogra. Nishikawa (2013) verificou que algumas mulheres com nacionalidade japonesa não concordavam com os maridos americanos com ascendência europeia em relação às crianças deixarem comida no prato; as mães também atribuíam muita importância ao comportamento à mesa.

Outra questão identificada no estudo de Crippen (2009) tem a ver com os nomes e apelidos que os pais/mães querem dar aos filhos. Alguns pais discordam relativamente às pessoas que podem participar no processo de escolher o nome, ao momento e à forma como se escolhe o nome, aos significados e à relevância dos nomes e apelidos, etc.

Relativamente à religião, as mães e os pais do estudo de Nishikawa (2013) tinham visões diferentes sobre a religião e como queriam educar os filhos, o que também foi encontrado no trabalho de Cools (2015).

Quanto à disciplina, Romano (1997) entrevistou casais com diferentes nacionalidades e refere que alguns casais não atribuem a mesma importância à obediência e têm visões diferentes sobre a punição física como um recurso para educar os filhos.

Esta autora também constatou valores distintos nos casais do seu estudo (por exemplo, relativos a papéis de género, honestidade, etc.) e, em alguns casos, similares mas com definições diferentes (Romano, 1997).

Sobre as famílias alargadas, alguns casais do trabalho de Bhugun (2017) referiram que o grau de envolvimento e apoio das suas famílias alargadas diferia muito, sendo que era frequente num casal uma das famílias estar mais envolvida e dar mais apoio financeiro e emocional.

O acordo entre pais/mães relativamente à criação e educação dos filhos é uma das componentes do modelo de coparentalidade de Feinberg (2003). Segundo este autor, a coparentalidade/relação coparental está relacionada com os cuidadores se apoiarem e se coordenarem (ou não), ou seja, tem a ver com o seu funcionamento conjunto (Feinberg, 2002). As outras componentes são: apoio/sabotagem, divisão das tarefas relativas a criar os filhos e gestão dos conflitos, coligações e equilíbrio da regulação da família (Feinberg et al., 2012). Romano (1997) refere que, relativamente a criar e educar os filhos, é mais difícil para

os casais multiculturais por terem crescido em contextos diferentes, preocupando-se com questões relacionadas com a rotina e também com a identidade das crianças. Explica que os modelos educativos podem ser contraditórios por terem crescido em contextos diferentes. Também refere que nas discussões sobre questões ligadas à educação dos filhos, revelam-se diferentes crenças, valores e perspetivas. Os casais têm dificuldade em ultrapassar e reconhecer estas diferenças, acabando por discutir questões específicas da parentalidade (Romano, 1997).

Os casais multiculturais dos diversos estudos também consideram que educar os filhos num ambiente multicultural tem vários aspetos positivos. Crippen (2009) destaca três, sendo que um deles tem a ver com o conhecimento de várias maneiras de educar e criar os filhos. Os participantes referiram que ao serem confrontados com outras formas de criar os filhos, pensam na forma que melhor se adequa à sua família e tentam chegar a um compromisso. Os casais sentem que têm mais liberdade para escolher a forma como querem educar os seus filhos e que se adapta melhor ao seu contexto familiar. Outro aspeto positivo é a flexibilidade de papéis, por exemplo, uma mulher relatou que se sentia mais livre porque, ao ter uma relação com uma pessoa de outra nacionalidade, a sua família alargada não estava tão envolvida e não tinha certas expectativas do papel dela enquanto mãe. O terceiro aspeto está relacionado com serem mais abertos à relação com pessoas de diferentes contextos sociais. No trabalho de Kuramoto et al. (2017), cujos participantes são pais/mães de diferentes nacionalidades (nacionalidade japonesa e outra) com filhos, indicaram que os pais/mães sentem que houve um crescimento pessoal devido ao facto de criarem os filhos numa família multicultural. Por exemplo, alguns sentem que são mais flexíveis e pacientes. As mães japonesas casadas com americanos de ascendência europeia do estudo de Nishikawa (2013) consideram que é benéfico haver diversidade cultural na sua família e os seus filhos serem fluentes em mais do que uma língua. Finalmente, Kuramoto (2018) realizou um estudo em que participaram mães japonesas casadas com maridos de um país não asiático, tendo verificado que os casais aprenderam várias formas de comunicar o que sentem e a serem sensíveis e atentos ao que o outro sente.

Lengyell (2020) realizou uma investigação em que entrevistou pais/mães com diferenças de base racial e observou que vários sentiam que as suas diferenças eram benéficas para eles e para os seus filhos. Um dos pais referiu que a sua mente era mais aberta porque se tinha confrontado com diferentes valores e crenças, e sentia que era um pai com uma perspetiva mais alargada do mundo. Dois participantes afirmaram que tinham aprendido

muito um com o outro, pelo que se sentiam competentes enquanto pais/mães. Este casal referiu que as divergências podem ser enriquecedoras e uma oportunidade para os filhos adquirirem conhecimento, quando a gestão das mesmas é feita de forma adequada.

No estudo de Bratawidjaja (2007) em que participaram pais/mães que tinham diferenças de base étnicas e/ou raciais e um deles tinha sido maioritariamente criado fora dos Estados Unidos, os casais consideraram que as suas diferenças eram pontos de força na sua relação e que tinham benefícios para os seus filhos, reconhecidos por eles e pelas pessoas à sua volta como, por exemplo, serem fluentes em mais do que uma língua, viajarem e conhecerem diferentes lugares e viverem diversas experiências.

Os pais/mães do livro de Romano (1997) sentiam que um dos aspetos positivos de estarem com uma pessoa de outra nacionalidade era os seus filhos terem uma mente mais aberta e serem “biculturais”. Os casais do estudo de Kuramoto (2018) referiram que estarem com uma pessoa de outra nacionalidade permitiu-lhes conhecer diferentes perspetivas, crenças, métodos e práticas educativas. Uma pessoa mencionou que começaram a perceber as diferenças como oportunidades e que as duas culturas iriam ser benéficas para os seus filhos. Os pais/mães de diferente nacionalidade de outro trabalho sentiam que os seus filhos tinham mais possibilidades no seu futuro por falarem várias línguas e terem crescido num ambiente multicultural (Kuramoto et al., 2017).

Em paralelo, encontramos o estudo de Cools (2015), em que se pontua como alguns desafios dos casais multiculturais também podem ser considerados oportunidades como, por exemplo, as crianças serem bilingues, celebrar e realizar as tradições, decisões, etc.

Estudo 1

Este estudo pretende contribuir para o conhecimento acerca da parentalidade em pais e mães com diferenças de base étnica, racial e/ou de nacionalidade. São necessários mais estudos sobre a parentalidade destes pais e mães que são cada vez mais frequentes no mundo, sendo importantes para a intervenção dos clínicos. Este estudo também procura responder à necessidade de mais estudos quantitativos sobre este tema.

Deste modo, neste estudo procuraremos dar os primeiros passos no desenvolvimento de um instrumento que permita a investigação e a monitorização da intervenção sobre a

parentalidade em casais multiculturais. Partindo da tipologia proposta pela MECA, procurou-se organizar a literatura sobre pais e mães multiculturais, tanto no que respeita a aspetos de maior dificuldade, como também variáveis que nos estudos eram considerados pontos de força destes pais/mães. A partir mapeamento da literatura desenvolveram-se os itens do Questionário Parentalidade Multicultural (QPM) que foram, em seguida submetidos a validação do seu conteúdo com recurso a especialistas.

Método

Participantes

Os itens do questionário foram avaliados por cinco especialistas, todos psicólogos com experiência ($M = 18.40$, $DP = 15.73$) nas áreas da parentalidade, famílias e cultura. Destes especialistas, quatro identificavam-se com o género feminino (80.0%) e um com o masculino (20.0%) e as idades estavam compreendidas entre os 25 e os 65 anos ($M = 41.80$, $DP = 15.53$).

Procedimento

Fase 1. Desenvolvimento dos Itens. Em primeiro lugar, procedeu-se à leitura de artigos e outros trabalhos científicos sobre pais e mães multiculturais (por exemplo, com diferenças de critério racial, de nacionalidade, etc.) para tentar compreender que domínios da MECA surgiam na literatura como relevantes para a parentalidade multicultural. Após a leitura, foram identificadas diversas questões ligadas à parentalidade em que os pais/mães multiculturais têm visões diferentes e que estavam relacionadas com os domínios Organização Familiar e Ciclo de Vida da Família. Para além das questões em que o foco estava ao nível da concordância/discordância entre pais e mães, foram também registados vários pontos de força que estão identificados na literatura como um possível recurso nos pais e mães multiculturais. Estes pontos de força também estavam relacionados com os domínios Organização Familiar e Ciclo de Vida da Família. De seguida, foram analisados estes domínios e os seus aspetos/subdomínios. As questões da parentalidade em que os pais/mães discordavam e os pontos de força foram associados a um determinado aspeto do domínio da MECA. Na Tabela 1, é possível identificar cada questão, e a sua respetiva associação, assim como exemplos da literatura.

Os itens do questionário foram então criados com base na informação sistematizada na Tabela 1. Foram criados 35 itens divididos em duas dimensões: Acordo/Desacordo com 25 itens que correspondem às questões ligadas à parentalidade em que os pais e mães multiculturais discordam ou não (exemplo: O equilíbrio entre sucesso e bem-estar do/a nosso/nossa filho/a) e Pontos de Força, com dez itens (exemplo: “Conhecer diferentes formas de comunicar o que sentimos”).

Fase 2. Validação de Conteúdo. Para realizada uma validação de conteúdo do questionário desenvolvido na Fase 1, foi enviado o questionário desenvolvido através da plataforma *Qualtrics* a especialistas. Após o consentimento informado e a recolha de informação sociodemográfica, foi pedido que avaliassem a pertinência e a clareza dos 35 itens do QPM, das dimensões Acordo/Desacordo e Pontos de Força do questionário. As respostas da seção da pertinência foram dadas numa escala de resposta de seis pontos (0 = “Nada pertinente”; 5 = “Totalmente pertinente”) e as respostas da seção da clareza também foram dadas numa escala de resposta de seis pontos (0 = “Nada claro”; 5 = “Totalmente claro”). Também foi possível fazerem sugestões de alteração dos itens. No final, agradeceu-se a participação.

Tabela 1

Domínios da MECA, Questões de Parentalidade e Pontos de Força

Fator teórico	Domínio da MECA	Subdomínio (aspeto) da MECA	Questão relacionada com a parentalidade	Exemplos	Referência
Fator 1	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Sono	Uma participante referiu que o marido e a respetiva mãe não concordam que se durma com o bebé por poder ser um problema na altura em que tem que dormir sozinho.	Nishikawa, H. (2013). <i>Intercultural marriage: Parenting and communication</i> [Dissertação de mestrado, Washington State University].
	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Amamentação	Um participante revelou que ficou muito dececionado quando a sua mulher começou a dar biberão ao filho porque na sua cultura as mães amamentam sempre os seus filhos.	Bhugun, D. (2017). Intercultural parenting in Australia: Managing cultural differences. <i>The Family Journal</i> , 25(2), 187-195. https://doi.org/10.1177/1066480717697688
	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Doença	Uma participante revelou que as reações em caso de doença são muito diferentes (o que fazem quando há febre, a decisão de ir ao hospital, etc).	Tormenta, M. L. (2009). <i>Casais biculturais um estudo exploratório</i> [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório da Universidade do Porto.
	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Papel das crianças	Dois participantes reconheceram a existência de perspetivas diferentes quanto à educação dos filhos, nomeadamente quanto às suas responsabilidades e às tarefas que devem desmpenhar.	Crippen, C. (2009). Cross-cultural parenting: Experiences of intercultural parents and constructions of culturally diverse families [Tese de Doutoramento, University of New England]. https://hdl.handle.net/1959.11/1510
	Ciclo de Vida da Família	Ideais	Expetativas	Existem expectativas diferentes em relação aos filhos, um dos pais espera que eles façam o seu melhor e o outro espera que alcancem a perfeição, visando sempre por exemplo a nota máxima nos testes.	Koide, T., Yoshida, T., Ogawa, E., Kuramoto, M., Homma, J. E., & Naruse, M. (2019). Uncovering inner dilemmas experienced by parents of multicultural families in Japan. <i>Journal of Comparative Family Studies</i> , 50(3), 261-284. https://doi.org/10.3138/jcfs.50.3.004
	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Alimentação	Uma participante referiu que o marido (e sogra) quer que as crianças comam tudo o que está no prato, ao qual se opõe, nunca obrigaria a comerem demais.	Crippen, C. (2009). Cross-cultural parenting: Experiences of intercultural parents and constructions of culturally diverse families [Tese de Doutoramento, University of New England]. https://hdl.handle.net/1959.11/1510
	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Nome	Uma participante referiu que quando disse ao marido que não optaria para os filhos pelo seu nome, por ser difícil de pronunciar, ele ficou muito ofendido por entender ser inevitável, por ser o seu nome, a sua cultura.	Crippen, C. (2009). Cross-cultural parenting: Experiences of intercultural parents and constructions of culturally diverse families [Tese de Doutoramento, University of New England]. https://hdl.handle.net/1959.11/1510
	Ciclo de Vida da Família	Espiritualidade e religião	Religião	Uma participante referiu que a área mais sensível foi a religião, tendo sido necessário negociar um "terreno" no qual ambas as religiões são reconhecidas.	Cools, C. (2015). Intercultural couples' perspectives on parenting and child raising. In E. Heikkilä & D. Rauhut (Eds.), <i>Marriage migration and multicultural relationships</i> (Cap. 8, pp. 133-158). Institute of Migration.
	Ciclo de Vida da Família	Práticas educativas (sociocêntricas/educativas)	Disciplina	Um participante revelou que ficava muito perturbado quando a mulher batia nos filhos, saindo de casa, sendo por isso acusado de não colaborar com ela.	Romano, D. (1997). <i>Intercultural marriage: promises & pitfalls</i> . Intercultural Press.
	Ciclo de Vida da Família	Valores	Valores	Um casal revelou que discutiram em todas as fases do crescimento da filha, sobre detalhes como a roupa ou amigos que revelaram no entanto os diferentes entendimentos que têm em relação aos papéis masculino-feminino, virtude, boas maneiras, etc.	Romano, D. (1997). <i>Intercultural marriage: promises & pitfalls</i> . Intercultural Press.
	Organização Familiar	Preferência pela família alargada ou nuclear	Família alargada	Uma participante comentou que é muito diferente quando se vive perto da restante família, pela ajuda que se tem.	Bhugun, D. (2017). Intercultural parenting in Australia: Managing cultural differences. <i>The Family Journal</i> , 25(2), 187-195. https://doi.org/10.1177/1066480717697688
	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Papel dos pais e mães	Uma participante discorda com a interferência da família alargada na educação dos filhos, na sua opinião cabe aos pais cuidar e educá-los.	Crippen, C. (2009). Cross-cultural parenting: Experiences of intercultural parents and constructions of culturally diverse families [Tese de Doutoramento, University of New England]. https://hdl.handle.net/1959.11/1510

Fator 2	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Conhecer outras formas de criar e educar	Um(a) participante testemunhou a partilha com o(a) pai/mãe do seu filho de uma visão menos restrita em termos de educação, amizades, diversão, alimentação e vestuário.	Crippen, C. (2009). Cross-cultural parenting: Experiences of intercultural parents and constructions of culturally diverse families [Tese de Doutorado, University of New England]. https://hdl.handle.net/1959.11/1510
	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Abertura à relação com pessoas de outros contextos sociais	Uma participante referiu ver apenas pessoas que podem ter experiências diferentes e outra educação.	Crippen, C. (2009). Cross-cultural parenting: Experiences of intercultural parents and constructions of culturally diverse families [Tese de Doutorado, University of New England]. https://hdl.handle.net/1959.11/1510
	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Crescimento pessoal	Um pai japonês mencionou que, devido ao facto de ter convivido com costumes de outro país, adquiriu ideias diversas; e um pai canadiano referiu que, por haver duas culturas na sua família, vêem o mundo sob diversos prismas.	Kuramoto, M., Koide, T., Yoshida, T., & Ogawa, E. (2017). Raising multicultural children in Japan: A mixed methods examination of parent-child-society dynamics. <i>Journal of Intercultural Communication Research</i> , 46(4), 360-384. https://doi.org/10.1080/17475759.2017.1355839
	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Flexibilidade de papéis	Uma participante indiana referiu que tem mais liberdade e flexibilidade como mãe por não ter um marido indiano; se assim não fosse, a restante família estaria mais envolvida e teria mais expectativas em relação à sua família.	Crippen, C. (2009). Cross-cultural parenting: Experiences of intercultural parents and constructions of culturally diverse families [Tese de Doutorado, University of New England]. https://hdl.handle.net/1959.11/1510
	Ciclo de Vida da Família	Significados culturais	Diversidade cultural	Uma participante, casada com um japonês, referiu que, apesar das divergências como por exemplo em relação à alimentação, é muito enriquecedor ter duas culturas na mesma casa, assim como os filhos falarem duas línguas.	Nishikawa, H. (2013). <i>Intercultural marriage: Parenting and communication</i> [Dissertação de mestrado, Washington State University].
Organização Familiar	Diferentes formas de comunicar de acordo com a estrutura familiar	Comunicação	Uma participante considera que os maridos ficam mais aptos a interpretar o que as mulheres dizem e mais sensíveis ao que elas sentem.	Kuramoto, M. (2018). Strength of intercultural couples in the transition to parenthood: A qualitative study of intermarried parents in Japan. <i>Marriage & Family Review</i> , 54(6), 549-564. https://doi.org/10.1080/01494929.2017.1403995	

Resultados

Calculou-se, para todos os itens (CVCT) e para cada item do questionário (CVCi), o coeficiente de validade de conteúdo para a pertinência e clareza. Um valor de concordância inter-avaliadores igual ou abaixo de 0.80 seria considerado inaceitável (Hernández-Nieto, 2002). Obteve-se um coeficiente de validade de conteúdo para a pertinência aceitável ($CVCT = .88$) e um coeficiente de validade de conteúdo para a clareza também aceitável ($CVCT = .84$). Os itens 2 (A forma e o tempo do aleitamento do/a(s) nosso/nossa(s) filho/a(s) (ex. materno, fórmula, etc.) e 4 (Recorrer à medicina tradicional (ex. mezinhas caseiras, acupuntura, etc.) da dimensão Acordo/Desacordo obtiveram um valor do coeficiente de validade de conteúdo para a pertinência inaceitável, pelo que foram eliminados. A formulação de alguns itens foi alterada com base nas sugestões dos especialistas. Além disso, os especialistas chamaram a atenção para o facto de, quando há mais de um/uma filho/a, cada filho/a levantar questões diferentes e naturalmente respostas diferentes, assim como requerem cuidados diferentes por terem sensibilidade e reações específicas, além de serem pessoas únicas. Tendo em conta esta questão, a consigne criada pedia que considerassem o período mais recente em que tiveram de lidar com as seguintes questões e, no caso de terem mais de um filho, com o/a último/a filho/a.

Discussão

O QPM é um questionário de autorresposta que mede o grau de concordância de pais e mães com diferenças de critério étnico, racial e/ou de nacionalidade relativamente a um conjunto de questões ligadas à parentalidade. Também mede o grau de frequência de alguns pontos de força na relação/família do participante - conhecer várias formas de criar e educar, abertura à relação com pessoas de outra base étnica/nacionalidade, crescimento pessoal, flexibilidade de papéis, diversidade cultural, comunicação. Após a validação de conteúdo o QPM ficou com 33 itens, sendo que 23 pertencem à dimensão Acordo/Desacordo e dez à dimensão Pontos de Força.

Este questionário visa ser uma medida importante no âmbito da parentalidade em pais e mães multiculturais, procurando orientar a prática clínica com esta população. De

forma a continuar a contribuir para a validação psicométrica deste instrumento, o Estudo 2 incidirá sobre a validade fatorial, fidedignidade e validade de critério do QPM.

Estudo 2

O Estudo 2 procurou avançar psicometricamente na validade do QPM, especificamente no que respeita à validade fatorial, fidedignidade e validade de critério. Neste sentido, após aplicação a uma amostra de pessoas que fazem parte do grupo de pais e mães multiculturais, testou-se a estrutura fatorial e fidedignidade de dois fatores proposta no Estudo 1: fator de Acordo/Desacordo e fator Pontos de Força. De seguida procurou-se perceber se diferentes dimensões de caracterização sociodemográfica e cultural se traduzem em variações nos níveis obtidos em cada fator. Finalmente, ao nível da validade de critério, procuramos perceber a relação entre o grau de concordância relativamente a variáveis da parentalidade (em que os pais e mães multiculturais nos estudos tinham perspetivas diferentes) e aos pontos de força e a qualidade da coparentalidade em pais/mães com diferenças com base em critérios étnicos, raciais e/ou de nacionalidade. Hipotetizamos que maior concordância nos pontos de tensão e maiores pontos de força se refletirá numa maior qualidade da coparentalidade.

Método

Delineamento e Participantes

Tratou-se de um estudo quantitativo. Os dados foram recolhidos numa determinada ocasião, pelo que é transversal. A amostragem foi não probabilística, de conveniência.

Relativamente ao número de participantes, 261 pessoas abriram o questionário deste estudo, dos quais 73 abriram e não prosseguiram, 62 apenas começaram e 126 responderam pelo menos ao primeiro instrumento (QPM). A amostra final foi assim constituída por 126 pais e mães que reportavam diferenças de critério étnico, racial e/ou de nacionalidade dentro do seu subsistema parental. 93 participantes identificavam-se com o género feminino (73.8%) e 24 com o masculino (19.0%) e as idades estavam compreendidas entre os 27 e os 79 anos ($M = 45.26$, $DP = 9.66$). Foram apresentadas três versões do questionário, podendo

ser respondido em português, inglês ou espanhol, registrando-se 70 participantes (55.6%) que escolheram responder em português, 47 (37.3%) em espanhol e nove (7.1%) em inglês. Sobre as diferenças entre os pais e mães, 83 (65.9%) consideram ter diferenças de nacionalidade com o/a pai/mãe do/a(s) filho/a(s), dez (7.9%) consideram ter diferenças de critério racial, dez (7.9%) de critério étnico e de nacionalidade, 8 (6.3%) de critério étnico, 8 (6.3%) de critério étnico, racial e de nacionalidade e 7 (5.6%) de critério racial e de nacionalidade. O número de filhos/as varia entre um e quatro, e os/as filhos/as têm idades compreendidas entre os dois meses e os 55 anos ($M = 13.25$, $DP = 10.00$). A maioria dos participantes têm nacionalidade de um país da Europa, autocategoriza-se como Branco/Português branco/De origem europeia, reside na Europa, têm habilitações de Ensino Superior, está casada, estão numa relação e vivem com o/a pai/mãe do/a(s) filho/a(s) (ver Tabela 2).

Em relação à nacionalidade dos participantes e à do/a pai/mãe do/a(s) filho/a(s), registamos 53 pais/mães em que um tem nacionalidade portuguesa e outro tem de outro país, sendo de destacar que 19 indicaram que um/a é português/portuguesa e outro/a espanhol/espanhola e oito indicaram que um/a é português/portuguesa e outro/a brasileiro/a. Também há 29 pais/mães em que um/a tem nacionalidade espanhola e outro/a tem de outro país, sendo que oito são espanhóis/espanholas e franceses/francesas (Anexo 1). Na Figura 1 é possível observar todas as ligações que surgiram neste estudo tendo em conta a nacionalidade, sendo que as linhas vão desde o país da nacionalidade de um dos pais/mães ao país da nacionalidade do outro.

Relativamente à pertença e/ou origem étnico-racial dos pais e mães, é necessário destacar que 58 indicaram que os dois se autocategorizam como brancos/portugueses brancos/de origem europeia, 40 indicaram que um se autocategoriza como branco/português branco/de origem europeia e o outro tanto se autocategoriza como Negro/Português Afrodescendente/De origem africana (19) ou se autocategoriza na opção “Outro grupo” (21) (Anexo 1).

Tabela 2*Características Sociodemográficas dos participantes (n=126)*

		n	%			n	%
Género	Feminino	93	73.8%	Residência	Portugal	60	47.6%
	Masculino	24	19.0%		Outro país da Europa	37	29.4%
	Omisso	9	7.1%		América do Norte	14	11.1%
Diferenças	De critério étnico	8	6.3%	Escolaridade	África	2	1.6%
	De critério racial	10	7.9%		Oceânia	1	0.8%
	Nacionalidade	83	65.9%		Outro	2	1.6%
	De critério étnico, racial e nacionalidade	8	6.3%		Omisso	10	7.9%
	De critério racial e nacionalidade	7	5.6%		Abaixo nível secundário	1	0.8%
	De critério étnico e nacionalidade	10	7.9%		Ensino secundário	28	22.2%
Número de filhos	1	37	29.4%	Estado civil	Ensino superior	83	65.9%
	2	56	44.4%		Outro	4	3.2%
	3	18	14.3%		Omisso	10	7.9%
	4	4	3.2%		Solteiro/a	10	7.9%
	Omisso	11	8.7%		Casado/a	76	60.3%
Nacionalidade	Portugal	41	32.5%	Estado civil	União de facto	18	14.3%
	Outro país da Europa	47	37.4%		Outro-Divorciado/a	8	6.3%
	América do Sul	10	7.9%		Outro – Separado/a	2	1.6%
	América do Norte	5	4.0%		Outro – não indica	2	1.6%
	África	4	3.2%		Omisso	10	7.9%

Pertença e/ou origem étnico-racial	Dupla nacionalidade	8	6.3%	Pai/mãe do/a(s) filho/a(s) é companheiro/a atual	Sim	96	76.2%
	Omisso	11	8.7%		Não	20	15.9%
	Branco/Português branco/De origem europeia	95	75.4%		Omisso	10	7.9%
	Negro/Português negro/Afrodescendente/De origem africana	9	7.1%	Vive com pai/mãe do/a(s) filho/a(s)	Sim	100	79.4%
	Asiático/Português de origem asiática/De origem asiática	1	0.8%		Não	16	12.7%
	Cigano/Português cigano/Roma/De origem cigana	1	0.8%		Omisso	10	7.9%
	Outro grupo	7	5.6%				
	Origem mista	4	3.2%				
	Omisso	9	7.1%				

Figura 1

Mapa com as nacionalidades dos pais e mães



Procedimento e Instrumentos

Após a criação do questionário através na plataforma *Qualtrics*, o estudo foi divulgado através de um flyer (Anexo 2) nas redes sociais (e.g., Instagram) e através de escolas, especialmente internacionais, e associações. O questionário começava com o pedido de escolha da língua em que preferiam responder ao questionário, de entre as opções em língua portuguesa, inglesa e espanhola. Após a aceitação do consentimento informado (ver Anexo 3), pedia-se aos participantes que respondessem a todos os itens do Questionário Parentalidade Multicultural, seguido pela Escala de Relação Coparental e terminando com o questionário sociodemográfico. No final, agradeceu-se a participação e partilhou-se o e-mail para possibilitar o contacto.

Questionário Parentalidade Multicultural

O Questionário Parentalidade Multicultural (QPM) aplicado foi o desenvolvido no Estudo 1 (ver Tabela 3). As respostas a estes itens foram respondidas em escala de medida de sete pontos (1 = “Discordamos Totalmente”; 7 = “Concordamos Totalmente”). As

respostas aos itens da Dimensão Pontos de Força foram respondidas numa escala de resposta de sete pontos (1 = “Nunca”; 7 = “Muito frequente”). O questionário, que tinha sido desenvolvido em língua portuguesa, foi traduzido para inglês (Anexo 4) e espanhol (Anexo 5), usando o modelo de tradução e retroversão em fases independentes com duas pessoas fluentes na língua respetiva e com um terceiro juiz para resolução de conflitos.

Escala de Relação Coparental

Para medir a qualidade da relação de coparentalidade foi utilizada a versão breve da Escala de Relação Coparental (ERC), desenvolvida por Feinberg e colaboradores e adaptada para Portugal por Costa e colaboradores (2020). Trata-se de uma escala de autorresposta e a versão breve tem 14 itens, em que valores mais altos correspondem a uma coparentalidade mais positiva. Os itens desta versão foram selecionados das subescalas da versão completa (35 itens) da ERC. As respostas aos itens da versão breve da ERC são dadas numa escala de resposta de sete pontos (1 = “Nada verdade para nós”; 7 = “Quase sempre verdade para nós”) e alguns exemplos de itens são: “Eu acredito que a mãe/o pai do meu filho é uma boa mãe/um bom pai”; “A mãe/o pai do meu filho presta grande atenção ao nosso filho”. Chegou-se à versão em espanhol da escala após tradução e retroversão com dois tradutores fluentes (Anexo 6). Para a versão em inglês, recorreu-se à versão original da escala (Feinberg et al., 2012).

Tabela 3

Questionário de Parentalidade Multicultural – Versão Final, em língua Portuguesa

De seguida apresentamos um conjunto de questões relacionadas com a parentalidade, pedindo que nos indique em que medida está ou esteve de acordo com o pai/a mãe do/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) relativamente às mesmas.

Assinale de 1 (discordamos totalmente) a 7 (concordamos totalmente) consoante o que considera ser o vosso nível de concordância com cada afirmação. Não existem respostas certas ou erradas.

Itens do Fator 1	Discordamos Totalmente				Concordamos Totalmente		
1. Lugar onde o/a filho/a dorme (ex. cama dos pais, berço, quarto dos pais, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
2. O que fazer quando o/a nosso/nossa filho/a está doente (ex. ir ao hospital, aquecer com mantas e mais roupa, quando ligar ao médico, quando ir ao hospital, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
3. Nível de supervisão que o/a nosso/nossa filho/a deve ter em atividades do dia a dia (atividades com amigos/as, banho, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
4. Nível de proteção que damos ao/à nosso/nossa filho/a.	1	2	3	4	5	6	7
5. Grau de importância que atribuímos a que o/a nosso/nossa filho/a seja autónomo/a.	1	2	3	4	5	6	7
6. Papéis de género em relação à educação do/a nosso/nossa filho/a (ex. tarefas de meninos e meninas, brincadeiras, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
7. Nível de responsabilidade que queremos que o/a nosso/nossa filho/a tenha (ex. não perder os pertences pessoais, cumprir deveres escolares, organizar os materiais escolares, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
8. Grau de importância que atribuímos a que o/a nosso/nossa filho/a se esforce muito.	1	2	3	4	5	6	7

9. Grau de respeito que queremos que o/a nosso/nossa filho/a tenha pelos mais velhos.	1	2	3	4	5	6	7
10. Rigidez na educação do/a nosso/nossa filho/a.	1	2	3	4	5	6	7
11. O equilíbrio entre sucesso e bem-estar do/a nosso/nossa filho/a.	1	2	3	4	5	6	7
12. As expectativas relativamente ao desempenho escolar do/a nosso/nossa filho/a.	1	2	3	4	5	6	7
13. A forma como alimentamos o/a nosso/nossa filho/a (ex. que alimentos, quando introduzir alimentos, comer tudo o que está no prato, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
14. As maneiras à mesa que queremos que o/a nosso/nossa filho/a tenha.	1	2	3	4	5	6	7
15. Os nomes e apelidos com que quisemos registar o/a nosso/nossa filho/a.	1	2	3	4	5	6	7
16. A religião em que educamos o/a nosso/nossa filho/a.	1	2	3	4	5	6	7
17. As práticas/festividades religiosas em que o/a nosso/nossa filho/a participa.	1	2	3	4	5	6	7
18. O grau de importância que atribuímos à obediência.	1	2	3	4	5	6	7
19. Utilização da punição física como um recurso na educação.	1	2	3	4	5	6	7
20. Valores com que educamos o/a nosso/nossa filho/a (ex. papéis de género, honestidade, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
21. O grau de envolvimento e apoio que esperamos e permitimos de familiares (ex. avós, tios, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
22. Definição de pessoas a quem confiamos o cuidado do/a nosso/nossa filho/a.	1	2	3	4	5	6	7
23. Papéis e tarefas que são específicos para as mães e/ou específicos para os pais.	1	2	3	4	5	6	7

Nesta secção vamos apresentar um conjunto de questões e pedimos-lhe que indique em que medida estão presentes na sua relação/família.

Assinale de 1 (nunca) a 7 (muito frequente). Não existem respostas certas ou erradas.

Avalie em que medida o que vamos descrever à frente está presente na sua relação/família:

Itens do Fator 2	Nunca							Muito frequente
1. Conhecer várias formas de criar e educar as crianças.	1	2	3	4	5	6	7	
2. Abertura à relação com pessoas de outras etnias e nacionalidades.	1	2	3	4	5	6	7	
3. Maior flexibilidade quando surge algum problema na nossa família.	1	2	3	4	5	6	7	
4. Potencialidades para crescimento pessoal por sermos uma família multicultural.	1	2	3	4	5	6	7	
5. Papel diferente daquele que teríamos se tivéssemos com alguém da mesma etnia e/ou nacionalidade.	1	2	3	4	5	6	7	
6. Diversidade cultural.	1	2	3	4	5	6	7	
7. O/A nosso/nossa filho/a é fluente em mais do que uma língua.	1	2	3	4	5	6	7	
8. Conhecer diferentes formas de comunicar o que sentimos.	1	2	3	4	5	6	7	
9. Comunicamos com respeito.	1	2	3	4	5	6	7	
10. Facilidade em pôr-nos no lugar do outro.	1	2	3	4	5	6	7	

Foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória para verificar se a escala mantinha a estrutura teórica unifatorial. Os índices de ajustamento desta tentativa não foram adequados ($\chi^2/gl = 116.673/77$; $RMSEA = .066$; $CFI = .938$; $TLI = .927$). Após eliminação dos itens 16, 33 e 34 por terem cargas fatoriais abaixo de 0.30, foram calculados novamente os índices de ajustamento que demonstraram uma melhoria ($\chi^2/gl = 54.573/44$; $RMSEA = .045$; $CFI = .980$; $TLI = .975$). Um índice de qualidade da coparentalidade foi calculado a partir da média dos 11 itens ($M = 5.24$; $DP = 1.01$; $\alpha = .766$).

Questionário de dados sociodemográficos

Foi apresentado um questionário de dados sociodemográficos, onde foi pedido aos participantes que indicassem gênero, nacionalidade, autocategorização étnico-racial para si e para o pai/mãe do filho/filha, residência atual (país), número de filhos, idade dos filhos, se estão numa relação e vivem com o/a pai/mãe do/a(s) filho/a(s), escolaridade e estado civil. Também tiveram de indicar se consideravam que as diferenças relativamente ao/à pai/mãe do/a(s) filho/a(s) eram de critério étnico, racial e/ou de nacionalidade.

Resultados

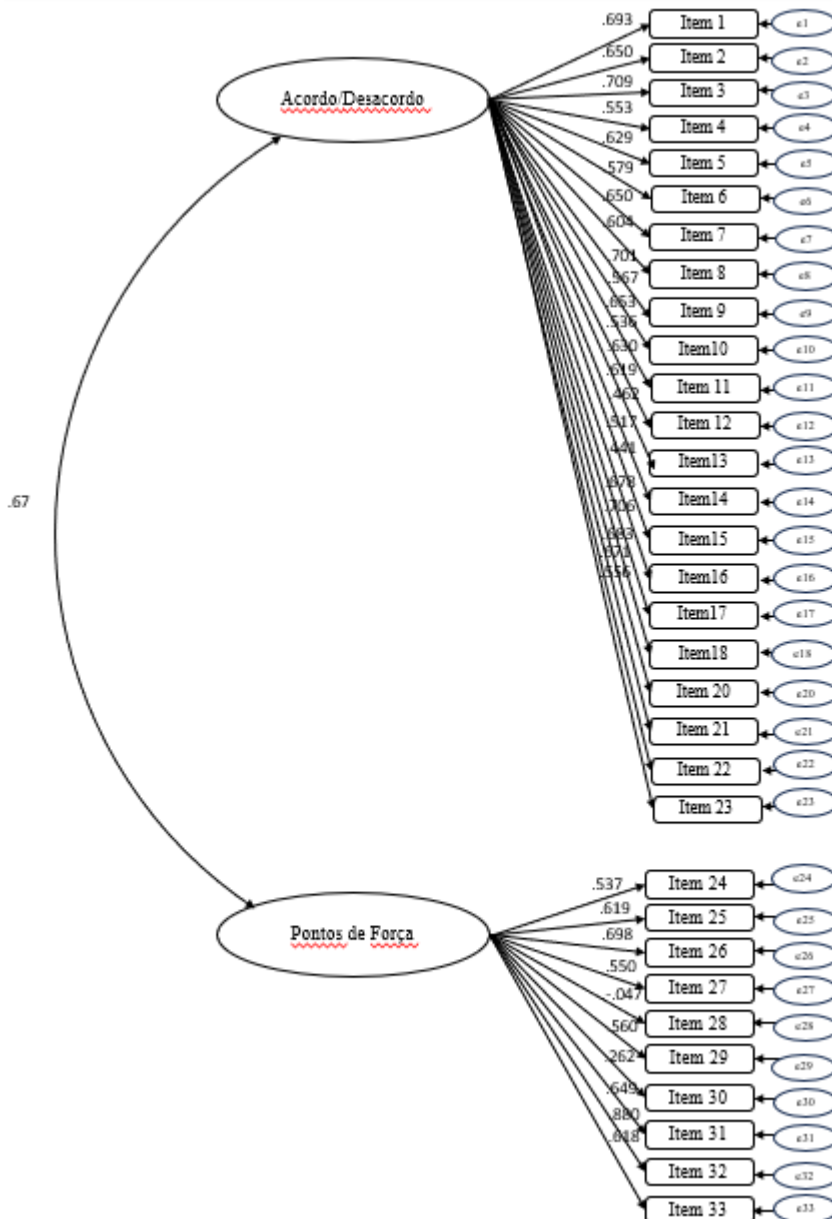
Validade de Construto

Foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória, uma vez que se trata de um novo instrumento. Em relação à adequabilidade da matriz de correlação de itens, os testes de esfericidade de Bartlett (1302.9, $gl = 528$, $p < .001$) e KMO (.90) indicam adequabilidade. Quanto ao número de dimensões, a análise paralela indicou duas, visto que há dois fatores dos dados reais com variância explicada maior que a variância dos dados aleatórios. As cargas fatoriais dos itens são adequadas e variam entre 0.303 e 0.846 (Anexo 7). A estrutura vai de encontro à forma como os itens foram originalmente agrupados nas dimensões, com exceção do item 19 que tem cargas fatoriais nos dois fatores inferiores a 0.30, pelo que foi eliminado. A fiabilidade da dimensão Acordo/Desacordo com 22 itens é excelente ($\alpha = .954$) e a da dimensão Pontos de Força com dez itens é boa ($\alpha = .814$). Os índices de ajustamento da estrutura fatorial a dois fatores são adequados ($\chi^2/gl = 346.32/463$; $RMSEA = .000$; $CFI = .999$; $TLI = 1.026$). Após esta análise, foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória com

os 32 itens (ver Figura 2), sendo que os índices de ajustamento da estrutura fatorial com dois fatores revelaram ser adequados ($\chi^2/df = 250.688/463$; $RMSEA = .000$; $CFI = 1.000$; $TLI = 1.092$).

Figura 2

Análise Fatorial Confirmatória do QPM



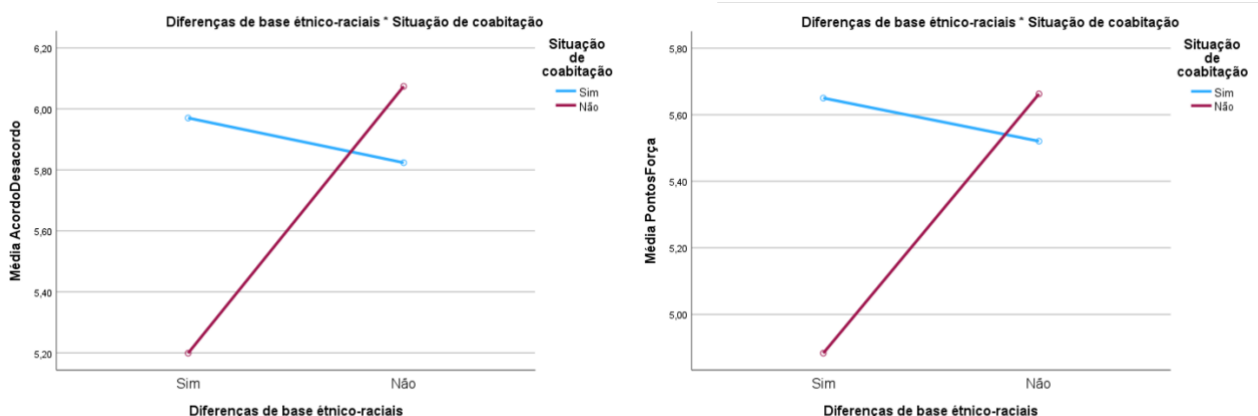
Quanto ao grau de concordância relativamente a questões ligadas à parentalidade, observou-se que a média foi 5.76 ($DP = 1.11$). Em relação à frequência de pontos de força na relação ou família, a média foi 5.59 ($DP = .92$).

Variações Familiares

Para compreender se determinadas dimensões de caracterização sociodemográfica se traduzem em variações nos níveis obtidos em cada fator, foi realizada uma MANOVA (Anexo 8) com os fatores acordo/desacordo e pontos de força como variáveis dependentes e os fatores fixos a presença de diferenças de base étnico-raciais, diferenças de nacionalidade e situação de coabitação com o/a pai/mãe do/a(s) filho/a(s). Verificou-se que as diferenças de base étnico-raciais ($\lambda (2, 94) = .935; p \leq .05$) tiveram um efeito significativo no acordo/desacordo e pontos de força. Os pais/mães que indicam que os dois elementos se autocategorizam de forma diferente quanto à sua pertença étnico-racial apresentaram valores mais baixos na dimensão acordo/desacordo ($M = 5.806, DP = .986$) do que os que não tinham essas diferenças ($M = 5.852, DP = .895; F (1, 95) = 6.210; p \leq .05$). Ainda se registou uma interação significativa entre diferenças de base étnico-raciais e a situação de coabitação ($\lambda (2, 94) = .917; p \leq .05$), que se traduziu tanto nos pontos de acordo/desacordo ($F (1, 95) = 7.164; p \leq .05$), como nos pontos de força ($F (1, 95) = 5.571; p \leq .05$). Na Figura 3 vemos que sistemas parentais com diferenças de base étnico-racial apresentaram médias mais baixas nos dois fatores do que os sistemas parentais sem diferenças, especialmente quando o sistema conjugal já não estava junto. As diferenças de nacionalidade não tiveram um efeito significativo no acordo/desacordo e pontos de força ($\lambda (2, 94) = .945; p = .069$), nem interagiram de forma significativa com outros fatores ($F's < 1$).

Figura 3

Gráficos de interação para Acordo/Desacordo e Pontos de Força



Validade de critério

Para compreender a relação entre os dois fatores do QPM e a qualidade da coparentalidade, foi realizada uma correlação de Pearson e verificou-se que existe uma correlação estatisticamente significativa entre o fator acordo/desacordo e a qualidade da coparentalidade. Trata-se de uma correlação positiva e forte. Também existe uma correlação estatisticamente significativa entre o fator pontos de força e a qualidade da coparentalidade, sendo que esta correlação é positiva e moderada (ver Tabela 4).

Tabela 4

Matriz de correlações do Acordo/Desacordo, Pontos de Força e Qualidade Coparentalidade

	1	2	3
1. Qualidade Coparentalidade	-	-	-
2. Acordo/Desacordo	0.557*	-	-
3. Pontos de Força	0.338*	0.410*	-

Apesar dos dois fatores estarem positivamente relacionados com a qualidade da coparentalidade, quando controlamos o efeito de ambos simultaneamente, apenas o fator de acordo/desacordo prediz teoricamente a qualidade da relação coparental. Foi realizada uma regressão linear múltipla, utilizando o método Enter (Anexo 9), com os fatores acordo/desacordo e pontos de força como variáveis independentes e a variável qualidade da coparentalidade como variável dependente. O R^2_{ajust} indica que este modelo explicou 31.3% da variância da qualidade da relação ($F(2, 116) = 27.904; p \leq .001; R^2 = .325$). Enquanto o fator acordo/desacordo ($\beta = .503; t = 6.012; p \leq .001$) prediz positivamente a relação coparental, o fator pontos de força deixa de ser significativo ($\beta = .132; t = 1.581; p = .117$). Confirmamos assim que o acordo/desacordo é o fator com maior capacidade preditiva da relação coparental.

Discussão

No presente estudo avançamos no desenvolvimento do QPM, dando mais indicações sobre a sua validade, tanto de construto, como de critério. A Análise Fatorial Exploratória indicou dois fatores, tal como tínhamos previsto, e os itens foram agrupados nos fatores como proposto inicialmente. Os índices de ajustamento revelaram ser adequados, tendo sido apenas eliminado um item por não ter uma carga fatorial significativa. A Análise Fatorial Confirmatória subsequente demonstrou que a estrutura fatorial de dois fatores era adequada aos nossos dados, com índices de ajustamento também adequados. Relativamente à validade de critério, os fatores acordo/desacordo e pontos de força do QPM estão associados positivamente à qualidade da coparentalidade, e predizem teoricamente a mesma. O fator acordo/desacordo revelou ter mais capacidade preditiva da qualidade da coparentalidade, enquanto que os pontos de força têm menor capacidade. E apenas se considerado isoladamente.

Avaliámos o grau de concordância dos pais/mães relativamente a várias questões de parentalidade, o grau de frequência de pontos de força na relação ou família e a qualidade da coparentalidade. Também procurámos avaliar se o grau de concordância em questões de parentalidade e o grau de frequência de pontos de força influenciavam a qualidade da coparentalidade.

Foi encontrado um valor de concordância relativamente alto entre os pais/mães nas questões de parentalidade. Uma das explicações para este resultado pode estar relacionada com possíveis semelhanças entre os pais/mães noutros contextos e aspetos. Falicov (1995a) refere que os contextos sociais têm influências diferentes nas pessoas, por exemplo, um casal com diferenças num determinado contexto pode ter visões semelhantes ou diferentes. A autora dá o exemplo de um casal em que um é de uma família sueca e outro de uma espanhola e que têm a mesma profissão, ideologia política, estudaram no mesmo período e interesses em comum. Neste exemplo, as diferenças relativas aos países das suas famílias não têm uma influência significativa, predominando as semelhanças, o que pode levar a terem visões semelhantes. É possível que alguns pais/mães deste estudo, apesar das diferenças de critério étnico, racial e/ou de nacionalidade, tenham semelhanças noutros contextos sociais e aspetos (por exemplo, valores, ambiente onde cresceram, religião, etc.), que explicam em parte o grau de concordância relativamente alto em questões de parentalidade. Assim, percebe-se a

importância da visão da cultura de Falicov (1995a) que realça as influências que exercem os múltiplos contextos a que as pessoas pertencem.

Bornstein (2012) sublinha que existem aspetos relacionados com a parentalidade que são comuns (por exemplo, querer que os filhos estejam adaptados, sejam saudáveis) independentemente dos contextos a que pertencem os pais/mães. Estas questões universais na parentalidade também podem em parte explicar o resultado da concordância neste estudo.

Outra explicação para este resultado, relativamente alto de concordância, pode ter a ver com este estudo ter muitos pais/mães em que ambos têm nacionalidade de um país da Europa. Os países da Europa partilham origens cristãs e filosóficas, o que leva a semelhanças no pensamento e na visão do mundo (Steiner, 2005).

Além disso, as idades dos/das filhos/as dos participantes indicam que a maioria não se encontra na fase de transição para a parentalidade, pelo que é provável que tenham desenvolvido e adotado estratégias para lidar com as suas diferenças. A literatura identifica diversas estratégias como, por exemplo, comunicar sobre as suas diferenças e as suas visões dos papéis e tarefas dos pais/mães, tentar chegar a um compromisso que vá beneficiar os/as filhos/as, ser flexível e curioso/a, aceitar as diferenças, valorizar os conhecimentos, apreciar as qualidades do outro como pai/mãe, etc. (Bhugun, 2017).

Relativamente aos pontos de força, o valor da frequência dos mesmos é relativamente alto, o que vai ao encontro dos estudos que apontam para aspetos positivos e oportunidades nas famílias multiculturais (Romano, 1997; Cools, 2015). Kuramoto (2018) sublinha a capacidade dos casais do seu estudo de transformarem as suas visões diferentes em oportunidades, assim como melhorarem a sua forma de comunicar, respeitarem que têm perspetivas diferentes e que não precisam de chegar sempre a um acordo, etc. Além de optarem por fazer as coisas da forma que melhor se adequa a sua família. Bhugun (2019) indica que os pais/mães que entrevistou identificaram vários aspetos positivos de educarem os/as seus/suas filhos/as num ambiente multicultural, tais como: conhecerem outras práticas parentais, serem mais abertos à relação com pessoas de outros contextos sociais, puderem conhecer outro país e as suas tradições, entre outras coisas. Os casais do trabalho de Tili e Barker (2015) referem que a sua relação multicultural contribuiu para o crescimento pessoal e para uma comunicação com respeito.

No presente estudo encontrámos um grau de concordância relativamente alto em questões de parentalidade, no entanto, é necessário sublinhar que os pais/mães com

diferenças de base étnico-racial concordavam menos que os pais/mães sem estas diferenças, assim como os pais/mães com diferenças de base étnico-racial que não viviam juntos concordavam menos e tinham menos pontos de força. Também Pearce-Morris e King (2012) verificaram que os pais/mães sem diferenças de base étnica tinham menos divergências em relação aos valores em comparação com os pais/mães com diferenças de base étnica.

Este resultado do presente estudo é relevante e vai ao encontro de vários estudos que chamam à atenção para questões que afetam a dinâmica relacional e familiar dos pais/mães com diferenças de critério étnico-racial. Leslie e Young (2015) salientam diferenças de poder e explicam que as pessoas podem ter divergências nos valores, na maneira como interpretam os comportamentos, interagem e se expressam, por terem crescido em contextos em que um deles era mais privilegiado. Outros estudos também apontam para o impacto de experiências como discriminação e opressão nas diferenças destes pais/mães (Killian, 2012). Moreira-Primo e França (2024) referem, a propósito da socialização étnico-racial parental, que os pais/mães negros/as podem promover a desconfiança e procurar que os/as filhos/as se relacionem com pessoas do mesmo grupo para protegê-los da discriminação e preconceito. Bhugun (2019) também refere diferenças de poder e explica que se podem manifestar de diferentes maneiras. Uma delas está relacionada com a pessoa da relação que pertence à cultura dominante considerar e transmitir, de forma consciente ou não, que a sua forma de pensar, valores e fazer as coisas é a forma mais adequada e tem mais importância que a visão da outra pessoa que é imigrante. As diferenças de poder também se podem encontrar na comunicação como, por exemplo, quando a pessoa da relação que pertence à cultura dominante exerce controlo sobre a interação através da língua (da cultura dominante) e pensa que pode indicar o que é mais adequado. Neste estudo alguns pais/mães imigrantes sentem que têm menos poder por serem “o/a imigrante”, revelando que sentem que o pai/mãe do/a(s) filho/a(s) tenta impôr a sua maneira de fazer as coisas e que as suas preferências relacionadas com a criação e educação dos filhos não são tidas em conta.

Falicov (2014) também afirma que stressores associados ao contexto, diferenças de poder, de estatuto e experiências como discriminação afetam os casais e famílias, pelo que este resultado de menor acordo de pais/mães com diferenças de base étnico-racial pode ser influenciado por diversos fatores. Tendo em conta que os sistemas onde as pessoas estão inseridas têm um papel muito importante no funcionamento familiar, é necessário que os psicólogos e psicoterapeutas explorem a forma como o contexto social pode estar a afetar a dinâmica familiar (Leslie e Young, 2015). Além disso, é preciso que os clínicos tenham

especial atenção aos pais/mães com diferenças de base étnico-raciais que não vivem juntos, visto que no presente estudo verificou-se que concordam menos em questões de parentalidade e identificam menos pontos de força na sua relação/família.

Quanto à coparentalidade, o valor obtido é relativamente alto, sendo por isso positiva. Uma das explicações para este resultado está relacionada com o valor relativamente alto da concordância em questões de parentalidade, sendo que a concordância revelou ser um preditor da coparentalidade. Feinberg (2003) refere que, para uma relação coparental positiva, é importante os cuidadores estarem de acordo relativamente a aspetos ligados à criação dos filhos. Quando o mesmo não acontece, a relação coparental, a vida familiar e a consistência das práticas parentais são afetadas (Feinberg, 2002). Também podem surgir facilmente conflitos e ter de chegar a um compromisso e negociar frequentemente (Feinberg et al., 2012).

No presente estudo verificámos que o grau de concordância relativamente a questões ligadas à parentalidade é um preditor da qualidade da relação coparental. Os pais/mães deste estudo que concordavam nestas questões tinham uma coparentalidade mais positiva, em detrimento dos pais/mães que discordavam. Este resultado vai ao encontro do que era esperado. Falicov (1995a) afirma que os casais com diferenças de critério racial, étnico e religioso podem beneficiar destas diferenças e acrescenta que, quando discordam muito em várias questões, aumenta a probabilidade de surgirem conflitos. Bustamante et al. (2011) observaram que os casais multiculturais do seu estudo percecionaram como stressores as divergências relativamente à educação dos filhos como, por exemplo, nas práticas parentais, expetativas sobre como querem criar os filhos, etc. No modelo da coparentalidade de Feinberg (2003), uma das componentes é o Acordo na educação dos filhos, que diz respeito à concordância entre cuidadores relativamente a valores, segurança, expetativas e outras questões relacionadas com a criação e educação dos filhos. Quando os pais/mães discordam fortemente, podem surgir conflitos, críticas e dificuldades em decidir que estratégias querem utilizar para educar os filhos (Feinberg, 2003). Deal et al. (1989) também encontraram uma relação entre os pais/mães concordarem em questões da parentalidade e o funcionamento familiar ser ajustado, comunicarem abertamente e trabalharem juntos para lidar com as dificuldades.

Também observámos que outro preditor da coparentalidade é a frequência de pontos de força, ou seja, quanto mais frequentes são os pontos de força na relação/família, mais positiva é a coparentalidade. Este resultado corresponde ao que era esperado. No trabalho

de Bhugun (2019), os pais/mães, com diferenças de critério étnico, religioso, racial e de nacionalidade, identificaram vários pontos de força na sua relação e sentem que os mesmos beneficiam a parentalidade. Por exemplo, a forma como educam os seus filhos é influenciada pelas suas diferentes visões do mundo e práticas parentais. Estes pais/mães também indicaram que os pontos de força na sua relação multicultural beneficiam os seus filhos, como serem fluentes em mais de uma língua, terem uma mente mais aberta, sentirem que pertencem a duas culturas, etc. Noutro trabalho os pais/mães sentem que pontos de força na sua família, como falar duas línguas em casa, são oportunidades e transmitem-lhes felicidade (Cools, 2015). Além disso, Walsh (1996) realça a importância dos pontos de força no funcionamento e resiliência familiar, sendo que são relevantes para compreender como as famílias podem enfrentar dificuldades, recuperar e crescer depois de experienciar problemas (Walsh, 2016), assim como ter mais recursos (Walsh, 2011).

Em resumo, a maioria dos pais/mães deste estudo demonstraram estar de acordo relativamente a diversas questões relacionadas com a parentalidade, assim como indicaram que vários pontos de força estão presentes na sua relação ou família. Verificámos que quanto maior o acordo em questões de parentalidade e a frequência de pontos de força, mais positiva é a relação coparental. Além disso, o acordo entre pais/mães prediz mais (teoricamente) a relação coparental que a frequência de pontos de força.

Discussão geral

Limitações e Estudos Futuros

Estes estudos têm algumas limitações. Em primeiro lugar, o tamanho da amostra do Estudo 2 é pequeno e a maioria dos participantes identificam-se com o género feminino, o que dificulta a generalização dos resultados. O número de participantes pode ter afetado as nossas análises estatísticas. A elevada percentagem de mulheres que participaram sugere que as mulheres se interessam mais pela parentalidade e multiculturalidade. Outra limitação é a amostragem ser de conveniência, o que se traduziu numa amostra não muito heterogénea. A maioria dos participantes têm habilitações ao nível do ensino superior e estão numa relação com o/a pai/mãe do/a(s) filho/a(s). Também existem muitos pais/mães em que ambos têm nacionalidade de um país da Europa. Assim, a diversificação da amostra poderá passar no

futuro por estender a aplicação desta escala para além das diferenças de critério étnico, racial e de nacionalidade. Seria interessante que estudos futuros avaliassem a influência de outras diferenças como, por exemplo, ambiente onde cresceram (urbano, rural, etc.), orientação política, classe social, etc. Estas diferenças são importantes, como Falicov (1995b) realça na sua visão de cultura multidimensional.

É importante referir que o método utilizado neste estudo tem limitações em inferir causalidade, pelo que seria importante que se realizassem estudos longitudinais. Outra limitação prende-se com o facto do QPM ter sido apenas aplicado a pais e mães com as diferenças referidas, podendo não se aplicar exclusivamente nestes casos. É difícil comparar o resultado da coparentalidade do presente estudo com outros trabalhos, uma vez que existem poucos estudos que avaliem a coparentalidade de pais/mães multiculturais, focando-se a maioria em descrever a parentalidade nestes pais. Um estudo em que participaram casais multiculturais verificou que não existia um grau de conflito significativo relacionado com a parentalidade nestes casais (Muller, 2004). Nishikawa (2013) observou que os casais com diferentes nacionalidades podem não experienciar dificuldades na parentalidade e explica que tentam adaptar-se e ser consistentes nas suas práticas. Também consideram importante estarem de acordo e sabem que os conflitos podem ter um impacto negativo no desenvolvimento dos filhos. A revisão de Kil et al. (2021) indica que em vários estudos quantitativos os pais e mães com diferenças de critério étnico não experienciaram stress e conflitos relacionados com a criação dos filhos. Os resultados destes estudos vão então ao encontro da coparentalidade positiva do presente estudo. Por outro lado, existem estudos que apontam para conflitos, stress e dificuldades na parentalidade de pais/mães multiculturais (Crippen e Brew, 2007; Rowley et al., 2022). Estudos futuros devem utilizar este questionário em pais com e sem estas diferenças.

Implicações clínicas

As intervenções terapêuticas e terapias com esta população devem prestar atenção à medida em que os pais/mães estão de acordo em questões de parentalidade. Também devem explorar e reforçar os pontos de força na relação ou família, de forma a empoderar e a ajudar a desenvolver uma relação coparental positiva. Como o acordo revelou ser a variável que mais prediz a relação coparental, deve-se dar especial atenção ao grau de concordância entre pais na prática clínica com os mesmos. A MECA pode ser utilizada para trabalhar com

pais/mães com diferenças de critério étnico, racial e de nacionalidade, por exemplo, através dos MECA-mapas que são esquemas com os quatro domínios desta abordagem. O terapeuta vai preenchendo cada um dos domínios com a informação dos pais/mães e pode ser uma oportunidade para explorar como as questões que trazem à consulta se relacionam com aspetos ligados à cultura e às diferenças entre pais/mães nos contextos sociais a que pertencem (Falicov, 2014). Este estudo também pode contribuir para que os psicólogos de educação desenvolvam intervenções com esta população em escolas internacionais, que tendencialmente são ambientes onde se encontram estas famílias.

Conclusão

O Questionário Parentalidade Multicultural desenvolvido no presente estudo é um contributo importante para os instrumentos nesta área e pode ser utilizado em estudos futuros que queiram medir a concordância em questões de parentalidade e a frequência de pontos de força de pais/mães multiculturais. Este estudo procurou compreender a parentalidade em pais e mães com diferenças com base em critérios étnicos, raciais e/ou de nacionalidade. Ao centrar-se nestas diferenças, foi além de outros estudos que estudam apenas um tipo de diferenças. Tendo como base a abordagem MECA de Falicov (1995b), focámo-nos em várias dimensões importantes (diferenças de critério étnico, racial e de nacionalidade) da cultura das pessoas. Este estudo também foi inovador ao desenvolver um questionário de acordo/desacordo e pontos de força com base na abordagem MECA. Assim, pretendeu-se perceber que domínios e subdomínios da MECA foram contemplados nos estudos sobre pais e mães multiculturais para criar os itens do questionário.

Neste estudo percebemos que a concordância entre pais e mães em questões de parentalidade e a frequência de pontos de força na sua relação ou família é importante para uma coparentalidade positiva. Esta dissertação foca-se na medida em que estão de acordo em questões de parentalidade, mas também nos seus pontos de força. Verificámos assim que os fatores acordo/desacordo e pontos de força são variáveis preditoras (do ponto de vista teórico) da qualidade da coparentalidade, sendo que quanto maior o grau de concordância em questões específicas e quanto maior a presença de pontos de força, maior a qualidade da coparentalidade. Além disso, o acordo/desacordo é o fator com maior capacidade preditiva da relação coparental.

Referências

- Bhugun, D. (2017). Intercultural parenting in Australia: Managing cultural differences. *The Family Journal*, 25(2), 187-195. <https://doi.org/10.1177/1066480717697688>
- Bhugun, D. (2019). *Intercultural parenting and relationships: Challenges and rewards*. Springer.
- Bornstein, M. H. (2012). Cultural approaches to parenting. *Parent Sci Pract.*, 12(2-3), 212–221.
- Bustamante, R. M., Nelson, J. A., Henriksen Jr, R. C., & Monakes, S. (2011). Intercultural couples: Coping with culture-related stressors. *The Family Journal*, 19(2), 154-164. <https://doi.org/10.1177/1066480711399723>
- Bratawidjaja, A. (2007). *The experience of being parents of mixed-heritage children: Phenomenological analysis* [Tese de Doutorado, Kansas State University].
- Cools, C. (2015). Intercultural couples' perspectives on parenting and child raising. In E. Heikkilä & D. Rauhut (Eds.), *Marriage migration and multicultural relationships* (Cap. 8, pp. 133-158). Institute of Migration.
- Costa, P. A., Garcia, I., Tasker, F., & Leal, I. (2020). Adaptação das versões completa e breve da Escala de Relação Coparental (ERC) em uma amostra comunitária de pais e mães portuguesas. *PSICOLOGIA*, 34(1), 236-248. <https://doi.org/10.17575/psicologia.v34i1.1598>
- Crippen, C., & Brew, L. (2007). Intercultural parenting and the transcultural family: A literature review. *The family journal*, 15(2), 107-115. <https://doi.org/10.1177/1066480706297783>
- Crippen, C., & Brew, L. (2013). Strategies of cultural adaption in intercultural parenting. *The Family Journal*, 21(3), 263-271. <https://doi.org/10.1177/1066480713476664>
- Crippen, C. (2009). *Cross-cultural parenting: Experiences of intercultural parents and constructions of culturally diverse families* [Tese de Doutorado, University of New England]. <https://hdl.handle.net/1959.11/1510>

- Deal, J. E., Halverson Jr, C. F., & Wampler, K. S. (1989). Parental agreement on child-rearing orientations: Relations to parental, marital, family, and child characteristics. *Child Development*, 60 (5), 1025-1034. <https://doi.org/10.2307/1130776>
- Eurostat (2012). *Merging populations*. <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/3433488/5584928/KS-SF-12-029-EN.PDF.pdf/4c0917f8-9cfa-485b-a638-960c00d66da4?t=1414693783000>
- Eriksen, T., & Nielsen, F. (2013). *A history of anthropology* (2nd ed.). Pluto Press.
- Falicov, C. J. (1988). Learning to think culturally. In H.A. Liddle, D. C. Breunlin & R. C. Schwartz (Eds.), *Handbook of family therapy training and supervision* (pp. 335-357). The Guilford Press.
- Falicov, C. J. (1995a). Cross-cultural marriages. In N. S. Jacobson & A. S. Gurman (Eds.), *Clinical Handbook of Couples Therapy* (pp. 231-246). Guilford Publications.
- Falicov, C. J. (1995b). Learning to think culturally: A comparative framework. *Family Process*, 34, 373-388.
- Falicov, C. J. (2003). Culture in family therapy: New variations on a fundamental theme. In T. Sexton, G. Weeks & M. Robbins (Eds.), *Handbook of family therapy: Theory, research and practice* (pp. 37-55). Brunner-Routledge.
- Falicov, C. J. (2014). *Latino families in therapy* (2nd ed.). The Guilford Press.
- Falicov, C. J. (2015). The multiculturalism and diversity of families. In T. L. Sexton & J. Lebow (Eds.), *Handbook of family therapy* (pp. 66-85). Routledge.
- Falicov, C. J. (2016). Migration and the family life cycle. In M. McGoldrick, N. Garcia-Preto & B. Carter (Eds.), *The expanded family life cycle: Individual, family and social perspectives* (Cap. 12, 222-239). Massachusetts: Allyn & Bacon.
- Falicov, C. J. (2017). Multidimensional Ecosystemic Comparative Approach (MECA). In J. Lebow, A. Chambers & D. Breunlin (Eds.), *Encyclopedia of Couple and Family Therapy* (pp. 1-5). Springer, Cham.
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for prevention. *Clinical child and family psychology review*, 5, 173-195.

- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: science and practice*, 3(2), 95-131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting*, 12(1), 1-21. <https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870>
- Ferreira, A. C., & Ramos, M. (2008). Padrões de casamento entre os imigrantes em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos*, 43, 79-107.
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contributions to statistical analysis*. Los Andes University Press.
- Instituto Nacional de Estatística. (2023). *Estatísticas demográficas 2022*. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACAOESpub_boui=280978178&PUBLICACOESmodo=2
- Kil, H., Taing, J., & Mageau, G. (2021). Interethnic parenting experiences in raising mixed-ethnicity children: A systematic qualitative review. *International Journal of Intercultural Relations*, 85, 47-68. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2021.08.013>
- Killian, K. D. (2012). Resisting and complying with homogamy: Interracial couples' narratives about partner differences. *Counselling Psychology Quarterly*, 25(2), 125-135. <https://doi.org/10.1080/09515070.2012.680692>
- Koide, T., Yoshida, T., Ogawa, E., Kuramoto, M., Homma, J. E., & Naruse, M. (2019). Uncovering inner dilemmas experienced by parents of multicultural families in Japan. *Journal of Comparative Family Studies*, 50(3), 261-284. <https://doi.org/10.3138/jcfs.50.3.004>
- Kuramoto, M. (2018). Strength of intercultural couples in the transition to parenthood: A qualitative study of intermarried parents in Japan. *Marriage & Family Review*, 54(6), 549-564. <https://doi.org/10.1080/01494929.2017.1403995>
- Kuramoto, M., Koide, T., Yoshida, T., & Ogawa, E. (2017). Raising multicultural children in Japan: A mixed methods examination of parent-child-society dynamics. *Journal of Intercultural Communication Research*, 46(4), 360-384. <https://doi.org/10.1080/17475759.2017.1355839>

- Laird, J. (2000). Theorizing culture: Narrative ideas and practice principles. *Journal of Feminist Family Therapy, 11*(4), 99–114. https://doi.org/10.1300/J086v11n04_08
- Lengyell, M. R. (2020). *Interracial couples and parenting: An exploration of interracial couples' experiences with parenting mixed-race children in the greater Toronto area* [Tese de Doutorado, University of Toronto].
- Leslie, L. A., & Young, J. L. (2015). Interracial couples in therapy: Common themes and issues. *Journal of Social Issues, 71*(4), 788-803. <https://doi.org/10.1111/josi.12149>
- Lind, W. R. (2008). *Casais biculturais e monoculturais: diferenças e recursos* [Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/977>
- Miranda, M., & Viera-Lopes, H. (2021). Terapia familiar com famílias culturalmente diversas. In M. Gouveia-Pereira & M. Miranda (Eds.), *Manual de terapia familiar - Teoria, avaliação e intervenção sistémica* (Cap. 10, 127-138). Pactor.
- Moreira-Primo, U. S., & de França, D. X. (2024). Socialização étnico-racial parental: contribuições para o bem-estar e desenvolvimento de crianças e jovens. *Psicologia Argumento, 42*(116). <https://doi.org/10.7213/psicolargum.42.116.AO15>
- Muller, R. D. (2004). *Relationship dynamics in latino-white intercultural marriages: A three group comparison* [Tese de Doutorado, Seton Hall University].
- Nishikawa, H. (2013). *Intercultural marriage: Parenting and communication* [Dissertação de mestrado, Washington State University].
- Pearce-Morris, J., & King, V. (2012). The well-being of children living with interethnic parents: Are they at a disadvantage?. *Journal of family issues, 33*(7), 898-919. <https://doi.org/10.1177/0192513X11420938>
- United States Census Bureau. (2021). *Marital histories differ between native-born and foreign-born adults*. <https://www.census.gov/library/stories/2021/05/marital-histories-differ-between-native-born-and-foreign-born-adults.html>
- Romano, D. (1997). *Intercultural marriage: promises & pitfalls*. Intercultural Press.
- Rosenblatt, P. C., & Stewart, C. C. (2004). Challenges in cross-cultural marriage: When she is Chinese and he Euro-American. *Sociological Focus, 37*(1), 43-58. <https://doi.org/10.1080/00380237.2004.10571233>

- Rowley, C. A., Craft, A. L., & Perry-Jenkins, M. (2022). Parental conflict in the context of multiethnic relationships. *Journal of child and family studies*, 31(3), 649-663.
- Steiner, G. (2005). *La idea de Europa*. Siruela.
- Tili, T. R., & Barker, G. G. (2015). Communication in intercultural marriages: Managing cultural differences and conflicts. *Southern Communication Journal*, 80(3), 189-210. <https://doi.org/10.1080/1041794X.2015.1023826>
- Tormenta, M. L. (2009). *Casais biculturais um estudo exploratório* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório da Universidade do Porto.
- Triandis, H. C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51 (4), 407-415. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.51.4.407>
- Tylor, E. B. (1920). *Primitive culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom* (4th ed.). J Murray.
- Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: Crisis and challenge. *Family process*, 35(3), 261-281. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1996.00261.x>
- Walsh, F. (2011). Family resilience: a collaborative approach in response to stressful life challenges. In S. M. Southwick, B. T. Litz, D. Charney & M. J. Friedman (Eds.), *Resilience and mental health: Challenges across the lifespan* (Cap. 10, 149-161). Cambridge University Press.
- Walsh, F. (2016). Family resilience: A developmental systems framework. *European journal of developmental psychology*, 13(3), 313-324. <https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1154035>

Anexos

Anexo 1. Tabela de Nacionalidades e Pertença e/ou Origem Étnico-racial de pais

Tabela 5

Nacionalidades e Pertença e/ou Origem Étnico-racial de pais

Nacionalidades país		n	%	Pertença e/ou origem étnico-racial país		n	%
Portuguesa	-	19	15.1%	Branco/Português	58	46.0%	
Espanhola				branco/De origem europeia	-		
				Branco/Português			
				branco/De origem europeia			
Portuguesa	-	13	10.3%	Branco/Português	21	16.7%	
Outro país da Europa				branco/De origem europeia -Outro grupo			
Portuguesa	-	10	7.9%	Branco/Português	19	15.1%	
América do Sul				branco/De origem europeia	-		
				Negro/Português negro/ Afrodescendente/De origem africana			
Portuguesa	-	8	6.3%	Branco/Português	6	4.8%	
África				branco/De origem europeia -Origem mista			
Portuguesa	-	1	0.8%	Branco/Português	4	3.2%	
América do Norte				branco/De origem europeia	-		
				Asiático/Português de origem asiática/De origem asiática			
Portuguesa - Ásia	1	0.8%		Negro/Português negro/ Afrodescendente/De origem africana	2	1.6%	
				Negro/Português negro/ Afrodescendente/De origem africana			

Portuguesa Oceânia	-	1	0.8%	Outro grupo grupo	-	Outro	2	1.6%
Espanhola Europa*	-	11	8.7%	Cigano/Português cigano/Roma/De cigana	-	origem	1	0.8%
Espanhola América do Sul	-	8	6.3%	Cigano/Português cigano/Roma/De cigana	-	origem	1	0.8%
Espanhola América do Norte	-	7	5.6%	Branco/Português branco/De europeia	-	origem	1	0.8%
Espanhola África	-	2	1.6%	Origem mista	-	Origem	1	0.8%
Espanhola - Ásia		1	0.8%	Omisso			11	8.7%
Italiana Europa**	-	3	2.4%					
Italiana - África		1	0.8%					
Francesa América do Norte	-	2	1.6%					
Francesa América do Sul	-	1	0.8%					
Americana (EUA) – América do Norte		2	1.6%					
Um/uma dupla nacionalidade	com	8	6.3%					
Os dois dupla nacionalidade	com	2	1.6%					
Outras		2	1.6%					
Omisso		23	18.3%					

Nota. O n corresponde ao número de pais e mães

*Com exceção de portugueses/portuguesas.

**Com exceção de espanhóis/espanholas.

Anexo 2. Posts utilizados na divulgação do estudo



FAMÍLIAS MULTICULTURAIS

Ispa
Instituto Universitário

TEM UM/A FILHO/A COM UMA PESSOA
COM QUEM TEM DIFERENÇAS

DE NACIONALIDADE

OU

ÉTNICO-RACIAIS?

RESPONDA A ESTE QUESTIONÁRIO, POR FAVOR!



🕒 10 min.



FAMÍLIAS MULTICULTURALES

Ispa
Instituto Universitário

¿TIENE UN/A HIJO/A CON UNA PERSONA
CON LA QUE TIENE DIFERENCIAS

DE NACIONALIDAD

O

ÉTNICO-RACIALES?

POR FAVOR, RESPONDA A ESTE CUESTIONARIO



🕒 10 min.



Anexo 3. Consentimento Informado

Muito obrigada por considerar colaborar com este estudo que tem como objetivo analisar a perceção de pais com culturas diferentes (com diferenças de critério étnico, racial e/ou de nacionalidade) sobre questões relativas à parentalidade. O estudo está a ser promovido pelo Ispa – Instituto Universitário, no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica da aluna Inês Pinha Correia, sob orientação de Mariana Pires de Miranda. Todas as respostas são anónimas. Os dados serão utilizados exclusivamente para fins de investigação, mantendo assim a sua privacidade. A sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento independentemente do motivo. Após o começo do estudo - e porque garantimos o anonimato dos participantes - não existe a possibilidade de proceder à eliminação das suas respostas. A resposta ao questionário não lhe trará nenhum risco e estima-se que termine em, aproximadamente, 10 minutos. Se tiver alguma dúvida ou sugestão, poderá entrar em contacto com Inês Pinha Correia (27385@alunos.ispa.pt). Se estiver consciente de que a sua participação é voluntária e que pode interromper em qualquer momento, independentemente do motivo, clique para continuar.

Anexo 4. Questionário Parentalidade Multicultural - Versão inglesa

When answering, you should consider the most recent period in which you have had to deal with these issues and, if you have more than one child, the last child.

Below we present a set of questions related to parenthood, asking you to tell us to what extent you agree or have agreed with the parent of your child(ren) on these issues.

Tick from 1 (we strongly disagree) to 7 (we strongly agree) depending on your level of agreement with each statement. There are no right or wrong answers.

Evaluate the extent to which you agree with each other:

	We strongly disagree							We strongly agree
1. Place where the child sleeps (e.g. parents' bed, cot, parents' bedroom, etc.).	1	2	3	4	5	6	7	
2. What to do when our child is ill (e.g. go to the hospital, warm up with blankets and more clothes, when to call the doctor, when to go to the hospital, etc.).	1	2	3	4	5	6	7	
3. The level of supervision our child should have in everyday activities (activities with friends, bathing, etc.).	1	2	3	4	5	6	7	
4. The level of protection we give to our child.	1	2	3	4	5	6	7	

5. The degree of importance we give to our child being autonomous.	1	2	3	4	5	6	7
6. Gender roles in our child's upbringing (e.g. boys' and girls' tasks, games, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
7. The level of responsibility we want our child to have (e.g. not losing personal belongings, doing their homework, organising school materials, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
8. The degree of importance we attach to our child trying hard.	1	2	3	4	5	6	7
9. The degree of respect we want our child to have for elders.	1	2	3	4	5	6	7
10. Rigidity in our child's education.	1	2	3	4	5	6	7
11. The balance between success and our child's well-being.	1	2	3	4	5	6	7
12. Expectations regarding our child's performance at school.	1	2	3	4	5	6	7

13. The way we feed our child (e.g. which foods, when to introduce foods, eating everything on the plate, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
14. The table manners we want our child to have.	1	2	3	4	5	6	7
15. The names and surnames with which we wanted to register our child.	1	2	3	4	5	6	7
16. The religion in which we educate our child.	1	2	3	4	5	6	7
17. The religious practices/festivities in which our child participates.	1	2	3	4	5	6	7
18. The degree of importance we attach to obedience.	1	2	3	4	5	6	7
19. Using physical punishment as a resource in education.	1	2	3	4	5	6	7
20. Values with which we raise our child (e.g. gender roles, honesty, etc.).	1	2	3	4	5	6	7

21. The degree of involvement and support we expect and allow from family members (e.g. grandparents, uncles, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
22. Definition of people to whom we entrust the care of our child.	1	2	3	4	5	6	7
23. Roles and tasks that are specific to mothers and/or specific to fathers.	1	2	3	4	5	6	7

In this section we will present a set of questions and ask you to indicate the extent to which they are present in your relationship/family.

Tick from 1 (never) to 7 (very often). There are no right or wrong answers.

Evaluate the extent to which what we are going to describe below is present in your relationship/family:

	Never						Very often
1. Knowing different ways of raising and educating children.	1	2	3	4	5	6	7
2. Openness to relationships with people of other ethnicities and nationalities.	1	2	3	4	5	6	7
3. Greater flexibility when problems arise in our family.	1	2	3	4	5	6	7

4. Potential for personal growth as we are a multicultural family.	1	2	3	4	5	6	7
5. A different role from the one we would have if we were with someone of the same ethnicity and/or nationality.	1	2	3	4	5	6	7
6. Cultural diversity.	1	2	3	4	5	6	7
7. Our child is fluent in more than one language.	1	2	3	4	5	6	7
8. Knowing different ways of communicating our feelings.	1	2	3	4	5	6	7
9. We communicate with respect.	1	2	3	4	5	6	7
10. The ability to put ourselves in the other person's shoes.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo 5. Questionário Parentalidade Multicultural - Versão espanhola

Al responder, debe tener en cuenta el periodo más reciente en el que ha tenido que tratar las siguientes cuestiones y, si tiene más de un hijo, el/la último/a.

A continuación le presentamos una serie de cuestiones relacionadas con la parentalidad, pidiéndole que nos diga en qué medida está o ha estado de acuerdo con el padre/la madre de su(s) hijo/a(s) en estas cuestiones.

Marque del 1 (totalmente en desacuerdo) al 7 (totalmente de acuerdo) en función de su grado de acuerdo con cada afirmación. No hay respuestas correctas o incorrectas.

Evalúe en que medida están/estuvieron de acuerdo entre los dos:

	Totalmente en desacuerdo						Totalmente de acuerdo
	1	2	3	4	5	6	7
1. Lugar donde duerme el/la niño/a (por ejemplo, cama de los padres, cuna, habitación de los padres, etc.).							
2. Qué hacer cuando nuestro/nuestra hijo/a está enfermo/a (por ejemplo, ir al hospital, abrigarse con mantas y más ropa, cuándo llamar al médico, cuándo ir al hospital, etc.).							
3. Nivel de supervisión que debe tener nuestro/nuestra hijo/a en las actividades cotidianas (actividades con amigos/as, baño, etc.).							
4. Nivel de protección que damos a nuestro/nuestra hijo/a.							
5. El grado de importancia que damos a que nuestro/nuestra hijo/a sea autónomo/a.							

6. Los roles de género en relación con la educación de nuestro/nuestra hijo/a (por ejemplo, tareas de niños y niñas, juegos, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
7. El nivel de responsabilidad que queremos que tenga nuestro/nuestra hijo/a (por ejemplo, no perder sus objetos personales, hacer los deberes, organizar el material escolar, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
8. El grado de importancia que damos a que nuestro/nuestra hijo/a se esfuerce mucho.	1	2	3	4	5	6	7
9. El grado de respeto que queremos que nuestro/nuestra hijo/a tenga hacia los mayores.	1	2	3	4	5	6	7
10. Rigidez en la educación de nuestro/nuestra hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7
11. El equilibrio entre el éxito y el bienestar de nuestro/nuestra hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7

12. Expectativas sobre el rendimiento escolar de nuestro/nuestra hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7
13. La forma en que alimentamos a nuestro/nuestra hijo/a (por ejemplo, qué alimentos, cuándo introducir los alimentos, comer todo lo que hay en el plato, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
14. Los modales en la mesa que queremos que tenga nuestro/nuestra hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7
15. Los nombres y apellidos con los que queríamos inscribir a nuestro/nuestra hijo/a en el registro de nacimiento.	1	2	3	4	5	6	7
16. La religión en la que educamos a nuestro/nuestra hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7
17. Las prácticas/actividades religiosas en las que participa nuestro/nuestra hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7
18. El grado de importancia que concedemos a la obediencia.	1	2	3	4	5	6	7

19. Utilización del castigo físico comorecurso en la educación.	1	2	3	4	5	6	7
20. Valores con los que educamos a nuestro/nuestra hijo/a (por ejemplo, roles de género, honestidad, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
21. El grado de implicación y apoyo que esperamos y permitimos de los miembros de la familia (por ejemplo, abuelos, tíos, etc.).	1	2	3	4	5	6	7
22. Definición de las personas a las que confiamos el cuidado de nuestro/nuestra hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7
23. Roles y tareas específicas de las madres y/o específicas de los padres.	1	2	3	4	5	6	7

En esta sección le presentamos una serie de cuestiones y le pedimos que indique en qué medida están presentes en su relación/familia.

Marque del 1 (nunca) al 7 (muy a menudo). No hay respuestas correctas o incorrectas.

Evalúe en qué medida lo que vamos a describir a continuación está presente en su relación/familia:

	Nunca						Muy a menudo
1. Conocer distintas formas de criar y educar niños/as.	1	2	3	4	5	6	7
2. Apertura a las relaciones con personas de otras etnias y nacionalidades.	1	2	3	4	5	6	7
3. Mayor flexibilidad cuando surgen problemas en nuestra familia.	1	2	3	4	5	6	7
4. Potencial de crecimiento personal ya que somos una familia multicultural.	1	2	3	4	5	6	7
5. Un papel diferente del que tendríamos si estuviéramos con alguien de la misma etnia y/o nacionalidad.	1	2	3	4	5	6	7
6. Diversidad cultural.	1	2	3	4	5	6	7
7. Nuestro/nuestra hijo/a domina más de una lengua.	1	2	3	4	5	6	7
8. Conocer distintas formas de comunicar nuestros sentimientos.	1	2	3	4	5	6	7
9. Comunicamos con respeto.	1	2	3	4	5	6	7

10. La facilidad de ponernos en el lugar del otro.	1	2	3	4	5	6	7
--	---	---	---	---	---	---	---

Anexo 6. Escala de Relação Coparental de Costa et al. (2020) traducida para espanhol

	Nada cierto para nosotros			Casi siempre cierto para nosotros			
1. Creo que el padre/la madre de mi hijo/a es un buen padre/madre.	1	2	3	4	5	6	7
2. La relación con la madre/el padre de mi hijo/a es más fuerte ahora que antes de tener un/una hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7
3. La madre/el padre de mi hijo/a presta mucha atención a nuestro/nuestra hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7
4. A la madre/al padre de mi hijo/a le gusta jugar con nuestro/nuestra hijo/a y me deja el desorden a mí.	1	2	3	4	5	6	7
5. El padre/la madre de mi hijo/a y yo tenemos los mismos objetivos para nuestro/nuestra hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7

6. La madre/el padre de mi hijo/a y yo tenemos ideas diferentes sobre cómo educar a nuestro/nuestra hijo/a.	1	2	3	4	5	6	7
7. La madre/el padre de mi hijo/a intenta demostrar que cuida a nuestro/nuestra hijo/a mejor que yo.	1	2	3	4	5	6	7
8. La madre/el padre de mi hijo/a no se hace cargo de sus obligaciones parentales.	1	2	3	4	5	6	7
9. La madre/el padre de mi hijo/a socava o pone en peligro mi labor como padre/madre.	1	2	3	4	5	6	7
10. Estamos madurando y creciendo juntos gracias a nuestra experiencia como padres.	1	2	3	4	5	6	7
11. La madre/el padre de mi hijo/a aprecia mis esfuerzos para ser un buen padre/una buena madre.	1	2	3	4	5	6	7

12. La madre/el padre de mi hijo/a me hace sentir el mejor padre/madre posible para nuestro/nuestra hijo/a.

1 2 3 4 5 6 7

	Nunca						Con mucha frecuencia
1. ¿Discute en la presencia de su hijo/a de sus problemas de pareja o maritales sin relación con su hijo/a?	1	2	3	4	5	6	7
2. ¿La madre/el padre de su hijo/a y usted dicen cosas crueles u ofensivas el uno al otro, delante de su hijo/a?	1	2	3	4	5	6	7

Anexo 7. Cargas Fatoriais

Tabela 6

Cargas fatoriais dos itens do Questionário Parentalidade Multicultural

Itens	Acordo/Desacordo	Pontos de Força
1. Lugar onde o/a filho/a dorme (ex. cama dos pais, berço, quarto dos pais, etc.).		0.729

2. O que fazer quando o/a nosso/nossa filho/a está doente (ex. ir ao hospital, aquecer com mantas e mais roupa, quando ligar ao médico, quando ir ao hospital, etc.).	0.732	
3. Nível de supervisão que o/a nosso/nossa filho/a deve ter em atividades do dia a dia (atividades com amigos/as, banho, etc.).	0.716	
4. Nível de proteção que damos ao/à nosso/nossa filho/a.	0.707	
5. Grau de importância que atribuímos a que o/a nosso/nossa filho/a seja autónomo/a.	0.661	
6. Papéis de género em relação à educação do/a nosso/nossa filho/a (ex. tarefas de meninos e meninas, brincadeiras, etc.).	0.747	
7. Nível de responsabilidade que queremos que o/a nosso/nossa filho/a tenha (ex. não perder os pertences pessoais, cumprir deveres escolares, organizar os materiais escolares, etc.).	0.545	0.319

8. Grau de importância que atribuímos a que o/a nosso/nossa filho/a se esforce muito.	0.747	
9. Grau de respeito que queremos que o/a nosso/nossa filho/a tenha pelos mais velhos.	0.593	
10. Rigidez na educação do/a nosso/nossa filho/a.	0.766	
11. O equilíbrio entre sucesso e bem-estar do/a nosso/nossa filho/a.	0.703	
12. As expectativas relativamente ao desempenho escolar do/a nosso/nossa filho/a.	0.657	
13. A forma como alimentamos o/a nosso/nossa filho/a (ex. que alimentos, quando introduzir alimentos, comer tudo o que está no prato, etc.).	0.661	
14. As maneiras à mesa que queremos que o/a nosso/nossa filho/a tenha.	0.433	0.308
15. Os nomes e apelidos com que quisemos registar o/a nosso/nossa filho/a.	0.656	

16. A religião em que educamos o/a nosso/nossa filho/a.	0.619
17. As práticas/festividades religiosas em que o/a nosso/nossa filho/a participa.	0.549
18. O grau de importância que atribuímos à obediência.	0.751
19. Utilização da punição física como um recurso na educação.	
20. Valores com que educamos o/a nosso/nossa filho/a (ex. papéis de género, honestidade, etc.).	0.846
21. O grau de envolvimento e apoio que esperamos e permitimos de familiares (ex. avós, tios, etc.).	0.636
22. Definição de pessoas a quem confiamos o cuidado do/a nosso/nossa filho/a.	0.740
23. Papéis e tarefas que são específicos para as mães e/ou específicos para os pais.	0.616

24. Conhecer várias formas de criar e educar as crianças.		0.804
25. Abertura à relação com pessoas de outras etnias e nacionalidades.		0.672
26. Maior flexibilidade quando surge algum problema na nossa família.		0.623
4. Potencialidades para crescimento pessoal por sermos uma família multicultural.		0.763
28. Papel diferente daquele que teríamos se tivéssemos com alguém da mesma etnia e/ou nacionalidade.	-0.364	0.426
29. Diversidade cultural.		0.607
30. O/A nosso/nossa filho/a é fluente em mais do que uma língua.		0.303
31. Conhecer diferentes formas de comunicar o que sentimos.		0.712
32. Comunicamos com respeito.		0.612

33. Facilidade em pô-
nos no lugar do outro.

0.669

Anexo 8. Tabelas da MANOVA

Tabela 7

Testes multivariados

		Valor	F	gl de hipótese	Erro gl	Sig.
Diferenças de base étnico- raciais	Lambda de Wilks	0.935	3.253	2	94	0.043
Diferenças nacionalidade	Lambda de Wilks	0.945	2.745	2	94	0.069
Situação de coabitação	Lambda de Wilks	0.990	0.480	2	94	0.620
Diferenças de base étnico- raciais *	Lambda de Wilks	1.000	.	0	94.5	.
Diferenças nacionalidade						
Diferenças de base étnico- raciais e situação de coabitação	Lambda de Wilks	0.917	4.277	2	94	0.017
Diferenças nacionalidade	Lambda de Wilks	1.000	.	0	94.5	.
* Situação de coabitação						

Tabela 8*Testes de efeitos entre sujeitos*

	Variável dependente	Df	Quadrado Médio	F	Sig.
Diferenças de base étnico-raciais	AcordoDesacordo	1	5.026	6.210	0.014
Diferenças nacionalidade	PontosForça	1	2.585	3.009	0.086
Situação de coabitação	AcordoDesacordo	1	4.454	5.504	0.021
Diferenças de base étnico-raciais *	PontosForça	1	1.494	1.740	0.190
Diferenças nacionalidade	AcordoDesacordo	1	0.469	0.580	0.448
Diferenças de base étnico-raciais *	PontosForça	1	0.719	0.837	0.362
Diferenças nacionalidade	AcordoDesacordo	0	.	.	.
Diferenças de base étnico-raciais *	PontosForça	0	.	.	.
Situação de coabitação	AcordoDesacordo	1	5.798	7.164	0.009
Diferenças nacionalidade *	PontosForça	1	4.784	5.571	0.020
Situação de coabitação	AcordoDesacordo	1	2.955	3.651	0.059
Diferenças de base étnico-raciais *	PontosForça	1	2.576	3.000	0.087
Diferenças nacionalidade *	AcordoDesacordo	0	.	.	.
Situação de coabitação	PontosForça	0	.	.	.

Anexo 9. Tabelas da regressão linear múltipla

Tabela 9

Resumo do modelo

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado
1	0.570 ^a	0.325	0.313

Nota. a. Preditores: (Constante), Pontos de Força, Acordo/Desacordo

Tabela 10

ANOVA

Modelo		Soma dos Quadrados	Df	Quadrado Médio	F	Sig.
1	Regressão	38.954	2	19.477	27.904	<0.001 ^a
	Resíduo	80.968	116	0.698		
	Total	119.922	118			

Nota. Variável Dependente: Relação Coparental; a. Preditores: (Constante), Pontos de força, Acordo/Desacordo

Tabela 11*Coefficientes*

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
		B	Erro Erro	Beta	t	
1	(Constante)	1.797	0.526		3.417	<0.001
	Acordo/Des acordo	0.457	0.076	0.503	6.012	<0.001
	Pontos de Força	0.145	0.092	0.132	1.581	0.117

Nota. Variável Dependente: Relação Coparental